



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MICHELY MARIA VIEIRA SOUSA

**UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR NA
COMUNIDADE TABOADO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO-PB**

**SUMÉ - PB
2024**

MICHELY MARIA VIEIRA SOUSA

**UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR NA
COMUNIDADE TABOADO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.

**SUMÉ -PB
2024**



S725e Sousa, Michely Maria Vieira.

Uma etnografia da produção de redes de dormir na comunidade Taboado de Cima no Município de Boqueirão-PB. / Michely Maria Vieira Sousa. - 2024.

78 f.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Etnografia. 2. Redes de dormir - produção. 3. Artesanato. 4. Taboado de Cima - Boqueirão - PB. 5. Tradição familiar. 6. Boqueirão - PB - artesanato. 7. Observação participante. I. Oliveira, Luan Gomes dos Santos. II Título.

CDU: 39(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

MICHELY MARIA VIEIRA SOUSA

**UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR NA
COMUNIDADE TABOADO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Examinador Interno - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Hiago Trindade de Lira Silva.
Examinador Interno - UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 23 de maio de 2024.

SUMÉ – PB

Dedico a todas as famílias artesãs da comunidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus que por meio da fé nunca me deixou desistir, mesmo diante dos desafios enfrentados ao longo desses cinco anos de graduação.

Quero agradecer aos meus pais Geronaldo Vieira de Sousa e Maria de Sousa Brito por terem apoiado meu sonho de ingressar na universidade, em meio as dificuldades sempre fizeram o possível para me ajudar e me dar forças para nunca desistir. Agradeço ao meu irmão Geovani Vieira de Sousa, e as minhas irmãs Mileyde Maria Vieira de Sousa e Maria Sophia Vieira Sousa, por todo o apoio e incentivo com a minha formação. O amor de vocês sempre será minha maior fonte de inspiração e coragem.

Com os olhos cheios de lágrimas, agradeço a minha vó, Maria Santana de Sousa Brito (em memória), por todo o apoio, por todo o carinho, por me incentivar a seguir meus sonhos. Hoje infelizmente a senhora não está mais aqui entre nós, mas sei que de onde você estiver com certeza deve estar sentindo muito orgulho da sua neta, por ela ter chegado até aqui, formada em uma universidade federal.

Agradeço a todos os meus familiares, tios e tias, primos e primas que direta e indiretamente contribuíram para minha formação.

A minha amiga, Aline Maciel, por todo o apoio que me deu desde o início do curso, obrigada por sempre se preocupar comigo, e por sempre torcer pelas minhas conquistas.

Aos meus colegas de turma por todo o aprendizado compartilhado. Agradeço especialmente às colegas de turma que viraram amigas pra vida toda, nas pessoas de Nandhara Silva e Edneide Elisbão, agradeço por todo o companheirismo, pelos conselhos, pelos momentos vivenciados ao longo da graduação, a amizade de vocês foi fundamental para minha formação, tenho muito orgulho de ter vocês como amigas.

Agradeço a minha prima e colega de quarto na residência, Ana Beatriz, por todo o apoio e paciência comigo nos meus momentos difíceis, compartilhamos juntas os melhores momentos da vida acadêmica, choramos e rimos juntas, sempre que possível uma ajudava a outra. Obrigada por tudo, sua presença foi muito importante para conseguir suportar todos os desafios durante esses anos de graduação.

Aos melhores amigos que a universidade me concedeu a honra de conhecer, Luclécia, Raiana, Mayandson, Moizés, Pollyanna e Aurea. A amizade de vocês foi fundamental para suportar todos os desafios de uma forma leve, e sempre compartilhando momentos felizes. Agradeço especialmente a Luclécia, por sempre me ouvir e aconselhar em tantos momentos.

Ao professor Luan Gomes dos Santos de Oliveira por ter aceitado o convite para orientar meu trabalho de conclusão de curso. Agradeço por todo o carinho, dedicação e incentivo com a minha pesquisa. Agradeço também aos membros da banca, nas pessoas de Valdonilson Barbosa dos Santos e Hiago Trindade de Lira Silva pelas contribuições e incentivo ao aprimoramento do meu trabalho.

Aos professores da UAC!S e UAEDUC que tive a honra de conhecer, e me proporcionaram conhecimento e aprendizado para minha formação humana e acadêmica durante toda a minha graduação. Agradeço especialmente aos professores da nossa unidade, por todo carinho e dedicação com o nosso curso.

Aos colegas e tutores do PET/CDSA, que tive a oportunidade de conhecer e compartilhar tantos momentos de aprendizado, as atividades desenvolvidas no programa me proporcionaram um aprendizado bastante significativo para minha formação enquanto pesquisadora e docente.

A Pastoral da Juventude Rural, nas pessoas de Kleitinho, Duda e Josiel, que me acolheram e ajudaram nos momentos iniciais do curso, na minha vinda pra Sumé para realizar a matrícula, na minha estadia antes de entrar para residência universitária. Obrigada por todo o apoio, a ajuda de vocês foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

*“A ciência descreve as coisas como são; a arte,
como são sentidas, como se sente que são.”*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a produção artesanal de redes de dormir realizada a partir de um contexto que envolve a tradição familiar como elemento fundamental nas relações entre os membros da comunidade estudada. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é compreender qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica, histórica e cultural das famílias na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB. O aporte teórico foi Araújo (1996), Cascudo (2012), Durkheim (1999), Fernandes (2021), Keller (2014), Lopes (2013), Marx (2013), Sanson (2014). A metodologia adotada é de caráter qualitativo, realizada a partir da etnografia, com ênfase na observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas, contendo questões sobre os aspectos organizacionais da produção artesanal de redes de dormir, socioeconômicos, histórico e culturais vivenciados pelas (as) famílias (as) na comunidade. No que se refere aos resultados obtidos na pesquisa empírica, consta-se que o papel da produção artesanal de redes de dormir na organização social e cultural das famílias, apresenta-se por meio da tradição de um trabalho familiar ligado a transmissão de saberes que perpassa gerações, na organização econômica a atividade artesanal destaca-se por sua importância como complemento da renda das famílias na comunidade. Ainda sobre a organização cultural existe um anseio por parte das famílias na contribuição estatal por mais reconhecimento e desenvolvimento da atividade artesanal local por meio do incentivo a atividades culturais e melhorias na condição do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Artesanato; Tradição Familiar; Redes de Dormir.

SOUSA, Michely Maria Vieira. **An ethnography of the production of hammocks in the Taboado de Cima Community in the municipality of Boqueirão-PB.** 2024. 78f. (Course Conclusion Work - Monograph), Degree Course in Social Sciences, Center for Sustainable Development of the Semi-Arid, Federal University of Campina Grande, Sumé - Paraíba - Brazil, 2024.

ABSTRACT

The central theme of this work is the handicraft production of hammocks, which takes place in a context that involves family tradition as a fundamental element in the relationships between the members of the community studied. Thus, the general objective of this research is to understand the place of the handmade production of hammocks in the social, economic and cultural organization of families in the Taboado de Cima Community in Boqueirão-PB. The theoretical framework was Araújo (1996), Cascudo (2012), Durkheim (1999), Fernandes (2021), Keller (2014), Lopes (2013), Marx (2013), Sanson (2014). The methodology adopted is qualitative, based on ethnography, with an emphasis on participant observation and semi-structured interviews, containing questions about the organizational aspects of handmade hammock production, socio-economic, historical and cultural aspects experienced by the families in the community. With regard to the questions asked in the empirical research, the role of the handmade production of hammocks in the social organization of families can be seen in the tradition of family work linked to the transmission of knowledge that spans generations; in economic organization, the handmade activity stands out for its importance in supplementing the income of families in the community; in cultural organization, the handmade activity faces challenges in terms of recognition and investment in local development.

Keywords: Work; Handicrafts; Family tradition; Hammocks.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Comunidade Taboado de Cima.....	36
Fotografia 2 – Unidade Básica de Saúde e Escola Municipal na Comunidade Taboado de Cima.....	36
Fotografia 3 – Fio colorido e o processo de urdimento da peça	47
Fotografia 4 – Enrolando a peça.....	47
Fotografia 5 – Emendando a peça no tear	48
Fotografia 6 – Processo de Tecelagem	48
Fotografia 7 – Processo de acabamento (emendar e torcer).....	49
Fotografia 8 – Processo de acabamento (matame).....	49
Fotografia 9 – Processo de acabamento (mamucaba).....	50
Fotografia 10 – Processo de acabamento (Varanda).....	50
Fotografia 11 – Processo de acabamento (empunhação e caré).....	51
Fotografia 12 – Rede de dormir.....	51
Fotografia 13 – Vivências e espaços de socialização das famílias na comunidade.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de mapa temático	18
Quadro 2 – Perfil dos entrevistados e tipo de tear que trabalha	39
Quadro 3 – Perfil socioeconômico das famílias entrevistadas	39
Quadro 4 – História e relação das famílias com a produção artesanal das redes de dormir ...	40
Quadro 5 – Organização das famílias e divisão do trabalho na produção artesanal das redes de dormir	42
Quadro 6 – Como as famílias determinam o valor de uma rede de dormir	44
Quadro 7 – Relação de troca entre as famílias	46
Quadro 8 – Relação entre os produtores artesanais das redes de dormir e os agentes externos	52
Quadro 9 – Primeiras técnicas artesanais e mudanças técnicas em torno da inovação tecnológica dos teares	54
Quadro 10 – Papel e enfraquecimento da associação e cooperativa	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
2	CAPÍTULO I - APRESENTANDO O CAMPO DE ESTUDO.....	19
2.1	O TEMA TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA.....	19
2.1.1	O trabalho na perspectiva de Karl Marx.....	19
2.1.2	O trabalho na perspectiva de Émile Durkheim.....	21
2.1.3	O trabalho na perspectiva de Max Weber.....	24
2.2	O TEMA TRABALHO NA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA SOCIAL...	27
2.3	A PRODUÇÃO ARTESANAL DE REDES DE DORMIR NO BRASIL.....	30
2.4	A PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR NA COMUNIDADE TABOADO DE CIMA EM BOQUEIRÃO-PB.....	34
3	CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	38
3.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS E CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS INSERIDAS NA ATIVIDADE ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	38
3.2	HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS COM A PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	40
3.3	ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS EM TORNO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	42
3.3.1	Descrição a partir de imagens das etapas de produção e confecção artesanal das redes de dormir.....	47
3.4	RELAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES ARTESANAIS DAS REDES DE DORMIR E OS AGENTES EXTERNOS.....	52
3.5	MUDANÇAS TÉCNICAS EM TORNO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DOS TEARES.....	54
4	CAPÍTULO III – AS CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR PARA A COMUNIDADE.....	57
4.1	QUANTO A RESPONSABILIDADE ESTATAL?.....	57
4.2	PAPEL E ENFRAQUECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO E COOPERATIVA.....	58
4.3	PERSPECTIVA DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS SOBRE A ATUAÇÃO DOS JOVENS NA ATIVIDADE ARTESANAL DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR.....	60
4.4	SIGNIFICADO DA ATIVIDADE ARTESANAL PARA AS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS.....	62
4.5	ATIVIDADES CULTURAIS JÁ REALIZADAS NA COMUNIDADE EM TORNO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	63
4.6	SUGESTÕES DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS PARA MELHORIAS NA CONDIÇÃO DO TRABALHO COM A ATIVIDADE ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	71

GLOSSÁRIO.....	73
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	74
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	77

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Keller (2014, p. 326) “O trabalho artesanal é um fenômeno sociocultural e econômico presente na sociedade contemporânea”. Nesse sentido, o intuito deste trabalho concentra-se em analisar a temática do trabalho artesanal dando ênfase para a produção de redes de dormir na Comunidade Taboado de Cima no município de Boqueirão-PB, evidenciando a tradição familiar como um dos principais elementos nas relações sociais que envolve toda essa configuração. Desse modo, este tema é bastante importante para trazer visibilidade para as famílias que atuam na atividade artesanal de produção das redes de dormir. Como também, tem o intuito principal de demonstrar as dimensões sociais, culturais e econômicas que envolvem todo o processo de produção artesanal nas famílias da Comunidade.

A inspiração que culminou com a realização dessa pesquisa foi o fato de estar inserida na comunidade, e desde criança observar na minha família todo o processo artesanal de produção das redes de dormir, que ao longo dos anos já havia sido transmitido de geração a geração. Diante disso, entende-se que esta pesquisa almeja contribuir cientificamente com os estudos sobre produção artesanal nos espaços rurais e evidenciar a importância deste trabalho na atualidade, por meio da contribuição do olhar das ciências sociais.

A problemática situada para investigação dessa pesquisa é: qual o lugar da produção artesanal de redes de dormir na organização social, econômica, histórica e cultural das famílias na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB?

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral compreender qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica, histórica e cultural das famílias na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB. Para alcançar esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: a) identificar como as famílias se organizam na produção artesanal de redes de dormir; b) mapear a relação entre os produtores artesanais das redes de dormir e os agentes externos; c) entender quais mudanças técnicas aconteceram em relação à produção artesanal das redes de dormir a partir da chegada da inovação tecnológica dos teares; d) refletir sobre a dimensão social e cultural na comunidade através da produção artesanal das redes de dormir.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, realizada a partir da etnografia, com ênfase na observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas, contendo questões sobre os aspectos organizacionais da produção artesanal de redes de dormir, socioeconômicos, histórico e culturais vivenciados pelas famílias na comunidade.

A presente pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o campo de estudo da pesquisa a partir do referencial teórico e procura apontar questões essenciais para o entendimento dos leitores quanto às discussões sociológicas e antropológicas que envolvem o tema trabalho. Como também apresenta a temática da produção artesanal de redes de dormir no Brasil especialmente na região do nordeste e demonstra a caracterização da comunidade do estudo empírico.

O segundo capítulo demonstra os resultados da pesquisa empírica. Apresenta o perfil e caracterização socioeconômica das famílias entrevistadas. Demonstra a história das famílias com a produção artesanal de redes de dormir, a organização das famílias em torno da produção artesanal das redes de dormir, a relação entre os produtores artesanais das redes e os agentes externos e as mudanças técnicas em torno da inovação tecnológica dos teares.

O terceiro capítulo exhibe as contribuições da produção artesanal das redes de dormir para a comunidade, as atividades culturais já desenvolvidas, a percepção das famílias em torno da atividade artesanal de produção de redes de dormir, a perspectiva para os jovens que trabalham ou desejam atuar na atividade artesanal e as sugestões feitas pelas famílias entrevistadas em relação a produção artesanal de redes de dormir.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico adotado nessa pesquisa é de caráter qualitativo. O primeiro passo foi constituído pelo levantamento bibliográfico no Google acadêmico, bancos de teses e dissertações de universidades visando delimitar a literatura e estudos sobre o tema trabalho. As palavras chaves utilizadas foram: Sociologia, Antropologia Social, Trabalho, Artesanato, Produção de redes de dormir no Brasil, Trabalho familiar.

Dos resultados encontrados utilizamos o artigo “Sociologia e trabalho: clássicas concepções” do autor Fernandes 2021; o capítulo 1 da obra “Da divisão do trabalho social” de Durkheim (1999); o capítulo V da obra “O Capital: Crítica da economia política: Livro I” de Marx (2013); o texto intitulado “O conceito de trabalho em Max Weber” de Sanson (2014); e o texto “O trabalho visto pela antropologia social” de Lopes (2013) que foram essenciais para o entendimento sobre o trabalho e discussões acerca desta temática no campo da sociologia e da antropologia social.

Posteriormente, outras referências foram sendo acrescentadas ao trabalho, tais como: Cascudo (2012) e Araújo (1996) que foram essenciais para o entendimento da produção artesanal de redes de dormir no Brasil e na região nordeste. Como também: utilizamos para

realizar a caracterização do município e da comunidade estudada a monografia de Araújo (1986) “Manufatura de rês-de-dormir em Boqueirão-alternativa de vida ou de morte” e dados levantados a partir do IBGE (2022).

O segundo passo consistiu na obtenção dos dados empíricos. Primeiramente, foi necessário elaborar o roteiro de entrevista, as questões levantadas estavam relacionadas com os aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais da organização das famílias dentro da produção artesanal de redes de dormir. Assim, os questionamentos foram divididos por eixos temáticos, seguindo esta sequência: perfil familiar; história das famílias com a produção artesanal de redes de dormir; processo de produção artesanal de redes de dormir e as contribuições da produção artesanal de redes de dormir para a comunidade e para as famílias.

Em seguida, realizamos as entrevistas semi-estruturadas com casais de 05 famílias que trabalham na produção artesanal de redes de dormir, seguindo as questões pré-definidas no roteiro, mas acrescentando conforme a necessidade de compreender melhor as informações descritas por elas acerca dos aspectos pesquisados. A seleção das famílias aconteceu considerando a quantidade de famílias que trabalham na produção artesanal das redes de dormir na comunidade, atualmente dez famílias estão inseridas nessa atividade, então selecionamos a metade dessas famílias para realização da pesquisa. A princípio nosso foco seria apenas os casais das 05 famílias que formaria um total de 10 entrevistas. Mas, no decorrer da pesquisa surgiu a oportunidade de realizar uma entrevista com um senhor da comunidade que já coordenou a antiga associação dos artesãos da comunidade, atualmente ele é aposentado e não trabalha mais com o artesanato das redes de dormir. Diante disso, decidimos realizar com ele uma entrevista sem seguir roteiro e baseada em um diálogo direcionado a entender sua história de vida com a produção artesanal de redes de dormir, como foi sua atuação e como era funcionamento da associação dos artesãos, sua percepção sobre a inovação tecnológica dos teares e como ele percebe as perspectivas de futuro da atividade artesanal de redes de dormir na comunidade. Assim, ao final realizamos um total de 11 entrevistas.

Diante disso, utilizamos para efetivação da pesquisa empírica o método etnográfico, que tem como característica:

[...] ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado” (Rocha e Eckert, 2008, p. 1).

Desse modo, ressaltamos que este método próprio da Antropologia se fez necessário para nosso trabalho de campo, justamente porque ele nos permite construir uma relação de troca com os sujeitos pesquisados e possibilita a vivência da realidade investigada. Foi fundamental

para nossa pesquisa a vivência com as famílias na realidade estudada, durante um período significativo para apreendermos toda a configuração que envolve a atividade artesanal da produção de redes de dormir.

Junto ao método etnográfico também recorreremos as técnicas de coletas de dados próprias desse método de pesquisa de campo, são elas: “[...] técnicas de entrevista e de observação participante complementares aos procedimentos importantes para o cientista adequar suas preocupações estritamente acadêmicas e academicistas à trama interior da vida social que investiga” (Rocha e Eckert, 2008, p. 14). Assim, nossa pesquisa apropriou-se dessas duas técnicas de coleta de dados, sendo a entrevista e a elaboração do roteiro de questionário fundamentais para coleta dos dados, na busca de entender a relação das famílias com a produção artesanal de redes de dormir. A observação participante também foi essencial para compreensão das relações vivenciadas a partir do contato com as famílias estudadas.

Somando-se a estas duas técnicas já citadas acima, também utilizamos o diário de campo para dar suporte a nossa coleta de dados. Na perspectiva de Rocha e Eckert (2008, p. 15) o diário de campo “[...] é o espaço fundamental para o(a) antropólogo(a) arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no seu dia de trabalho de campo, dúvidas conceituais e de procedimento ético”. Dessa forma, recorreremos ao diário de campo para realizar anotações frente as observações levantadas no contato diário com as famílias da comunidade, expondo as dúvidas e as circunstâncias que se apresentavam e que não foi possível coletá-las a partir das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro 2023, fevereiro e março de 2024. Todas as informações foram registradas através de gravação. Logo após, fizemos as transcrições, pois a análise da gravação em áudio torna-se mais complexa.

Ademais, vale ressaltar que a pesquisadora é membro da comunidade estudada, e desde criança observa atentamente as relações vivenciadas pelas famílias da comunidade e a organização na produção artesanal de redes de dormir, também aprendeu com sua família as práticas do trabalho artesanal das redes de dormir. Dessa forma, entendo as contradições existentes no fazer das reflexões empíricas, por ser pesquisadora e ao mesmo tempo membro da comunidade estudada. Entretanto, não preciso deixar de ser membro da comunidade e artesã de redes de dormir para realizar uma investigação na mesma comunidade.

Em seguida, realizamos a sistematização dos dados e análise do conteúdo levantado em campo através de tabelas e quadros. Segundo Bardin (1977 apud Silva 2022, p.18), “[...] o qual aponta que os dados devem ser tabulados, categorizados e analisados”. Nesse sentido, utilizamos o World como instrumento para elaboração de tabelas e quadros que integra-se a

sistematização dos dados. Para a análise dos conteúdos nos baseamos em Toscano (2006 apud Oliveira, 2012, p.28) para realizar a sistematização das falas dos entrevistados utilizamos sete “mapas temáticos, ou cartografias”. Dessa forma, nos baseamos no seguinte modelo de mapa:

Quadro 1 – Modelo de mapa temático

Temática	
GESTORES	CONSELHEIROS
Diálogo construído a partir da temática selecionada.	Diálogo construído a partir da temática selecionada.
Tradução do pesquisador (a)	
Neste espaço, o pesquisador (a) realiza o trabalho de tradução e estabelece as conexões teóricas.	

Fonte: Elaborado por Toscano (2006 apud Oliveira 2012, p. 27).

Para nortear a descrição e análise dos dados empíricos, utilizamos o trabalho “O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea” de Keller (2014); a monografia “Do algodão ao tear: As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB” de Medeiros (2015); a dissertação “A rede nossa de cada dia”: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Xique-Xique em Pedro II.” de Nonato (2015); a monografia “A crise do negócio do artesanato no Alto do Moura e o impacto sobre os jovens da comunidade.” de Leal (2018) e o livro “EXTRAVAGÂNCIAS: a viagem como modo de produção na arte.” De Curty (2022).

Vale ressaltar que os nomes dos entrevistados foram utilizados conforme autorização dos entrevistados. Nesse sentido, nossa pesquisa tem como intuito trazer reconhecimento para as famílias da comunidade pesquisada, evidenciando suas potencialidades em torno da produção artesanal de redes de dormir.

2 CAPÍTULO I - APRESENTANDO O CAMPO DE ESTUDO

2.1 O TEMA TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA

Os autores considerados clássicos da Sociologia (Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber), discutiram em diferentes contextos históricos e de diferentes perspectivas teóricas a noção de trabalho a partir do capitalismo e sob o signo da modernidade. Cada um deles criou seus próprios métodos de análise, e assim, observaram as mudanças nos fenômenos sociais presentes na sociedade capitalista, de forma crítica (Fernandes, 2021).

2.1.1 O trabalho na perspectiva de Karl Marx

Neste tópico abordaremos o tema trabalho a partir da perspectiva do sociólogo Karl Marx. Para compreensão da sociedade capitalista o autor adota o método do materialismo histórico e dialético para a análise das contradições existentes neste período da sociedade moderna.

Segundo Marx, para entender a sociedade é necessário traçar uma investigação partindo da relação entre o todo e as partes. “Para conhecer a realidade social, o todo concreto, deve-se buscar relações recíprocas entre o todo e as partes” (Fernandes, 2021, p. 124). Assim, é formada a totalidade histórico-social, contraditória e dialética. Este, será o método de análise criado por Marx, para compreensão da sociedade capitalista.

[...] o materialismo histórico dialético como método de análise da realidade, partindo de uma perspectiva da totalidade que compreende os indivíduos como seres conscientes e que são constituídos socialmente a partir das relações sociais nas quais estão envolvidos. Portanto, compreende-se a realidade nunca partindo do concreto e sim das múltiplas determinações, em que a abstração é o ponto zero (Fernandes, 2021, p. 125).

Desse modo, é a partir daí que este autor começa a analisar como o trabalho influencia a dinâmica social, partindo da relação desses indivíduos sobre um todo que é determinado por duas partes, uma concreta e outra abstrata. Em sua perspectiva crítica, a investigação histórica deve partir da realidade concreta, e a explicação deve partir da realidade abstrata. Assim, os fenômenos sociais embora simples são o que formam a realidade concreta e ganha sentido formando a essência, que incorpora o conceito, formando a realidade abstrata (Marx, 1985a apud Fernandes, 2021).

[...]as relações sociais desenvolvidas numa sociedade estão sujeitas às diversas formas de organização do consumo, da produção e do comércio. Por este ângulo, tudo se fundaria na realidade material, ou seja, a história é feita na matéria, não em algo abstrato ou em pensamento, pois o indivíduo não pode ser formado fora de suas relações sociais (sendo estas, por sua vez, determinadas pelas formas de produção da vida material) (Marx, 2015a apud Fernandes, 2021, p. 125).

Nesse sentido, a realidade material é capaz de impulsionar toda a organização social e formação histórica da sociedade, pois é a partir da realidade concreta que os indivíduos se relacionam na organização da produção por meio do trabalho. É a partir da realidade material que acontece a transformação do mundo pelos homens e mulheres, por meio da categoria trabalho. Desse modo, o trabalho é a interação entre os indivíduos e a natureza (Fernandes, 2021). Segundo Netto (2002 apud Fernandes 2021, p. 126) “[...] indivíduo e sociedade se relacionam e se constroem simultaneamente a partir de uma objetivação elementar, o trabalho, que, em vista disso, é a base da sociabilidade humana, o fundamento do ser social”. A objetivação humana acontece por intermédio do trabalho, que estabelece a formação do ser humano, atribuindo características que fundamentam sua subjetivação. Sob a perspectiva de Marx, podemos observar duas características do indivíduo capitalista que fundamentam a produção de mais-valia:

Primeiramente, ele quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, isto é, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. Em segundo lugar, quer produzir uma mercadoria cujo valor seja maior do que a soma do valor das mercadorias requeridas para sua produção, os meios de produção e a força de trabalho, para cuja compra ele adiantou seu dinheiro no mercado. Ele quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só valor de uso, mas valor, e não só valor, mas também mais-valor (Marx, 2013, p. 337-338).

No capitalismo, acontece a partir do trabalho a produção de mais-valia, isso ocorre porque o trabalho tem seu caráter de subsistência subjugado, e passa a ser direcionado a acumulação do capital. Desse modo, o trabalho abstrato caracteriza-se a partir da reprodução do capital, que é determinado pelo valor de troca. Isso acontece por consequência de uma tensão no conceito de trabalho, no qual o trabalho concreto é aquele que visa atender as necessidades humanas, e o trabalho abstrato é o responsável pela obtenção do lucro no modo de produção capitalista, e assim, torna-se “[...]a exploração do homem pelo homem” (Marx, 1985 apud Fernandes, 2021, p. 127).

Para Fernandes (2021) na sociedade capitalista, os indivíduos são vistos apenas como mercadoria, pois apenas possuem a força de trabalho como valor de troca, a burguesia que é

dona dos meios de produção consegue a partir do trabalho abstrato arrecadar os bens para si própria, não contribuindo em nada para a condição de riqueza humana, que se apresenta no trabalho concreto. De acordo com Fernandes (2021, p. 127) “[...] a relação entre trabalho concreto e trabalho abstrato é de alienação, não de identidade. Isto é, a relação da humanidade com o capital é de alienação [...]”. Nesse sentido, a condição de alienação é uma consequência na qual os indivíduos estão sujeitos dentro do trabalho abstrato, tornam-se miseráveis, distanciando-se da sua natureza concreta.

Para Marx (1998 apud Fernandes, 2021, p. 128): “[...] o advento do capitalismo como estágio ao mesmo tempo progressivo e regressivo do desenvolvimento histórico, pela transformação constante das forças produtivas e das relações sociais”. Desse modo, é importante destacar que para o autor não são apenas as forças produtivas e econômicas que atuam no desenvolvimento histórico, como também existe a transformação subjetiva que acontece a partir da luta de classes, entre burguesia e proletariado (Fernandes, 2021).

O processo de trabalho, como o expusemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais (Marx, 2013, p. 335).

O trabalho é a característica que funde o ser social, para sobreviver todos os indivíduos precisam modificar a natureza para garantir os meios de subsistência. A essência humana forma o conjunto das relações sociais, e a partir da categoria trabalho formadora da essência humana existe a possibilidade histórica de revolução, e assim, aconteceria a possibilidade de superação do capitalismo. Para que aconteça a superação do capitalismo e seus mecanismos que geram a desigualdade social, é necessário que o trabalho abstrato tenha fim, pois é ele que atua na arrecadação de capital para a classe burguesa (Fernandes, 2021).

2.1.2 O trabalho na perspectiva de Émile Durkheim

Neste tópico iremos abordar o tema trabalho sob a perspectiva do sociólogo Émile Durkheim. Para a compreensão dos fenômenos sociais presentes na sociedade capitalista, o autor analisa o trabalho como um fato social.

O sociólogo Francês Émile Durkheim preocupou-se em desenvolver um método científico de análise da sociedade a partir do comportamento externo dos indivíduos, ou seja,

investigando as relações que se apresentam na coletividade. Ele buscou adequar a Sociologia enquanto ciência por este método de análise. Assim, ao analisar os fatos sociais que são as maneiras de agir dos indivíduos no meio social de forma coletiva e integram o todo, o autor afirma que ao olhar para estes comportamentos devemos tratá-los como “coisas”. Nesse sentido, para que aconteça uma objetividade científica, o pesquisador deve afastar-se de suas noções de mundo, para que não ocorra nenhuma interferência ao analisar os fatos sociais. A relação entre pesquisador e objeto de estudo deveria ser por meio da neutralidade científica, sem que aconteça influência subjetiva da parte do pesquisador (Fernandes, 2021).

Este posicionamento de Durkheim frente a um método científico mais rigoroso, é um ponto de discordância entre ele e Karl Marx. Esse último não acreditava em uma ciência neutra, pois ao analisar os economistas políticos, Marx percebeu que eles produziam ideologia, fazendo uma análise a partir do olhar apenas da parte dominante da sociedade, tornando-se uma ideologia burguesa, e assim, não poderia ser caracterizada como ciência. Os dois autores também possuem diferenças na perspectiva analítica da sociedade. Durkheim analisa a sociedade a partir das condutas que podem gerar um bom ou mau funcionamento, partindo das regras e valores que impõem moralidade social. Já Marx analisou a sociedade a partir de uma estrutura na qual os indivíduos podem intervir na dinâmica social apesar das suas limitações (Fernandes, 2021).

Ao contrário de Karl Marx, o sociólogo Durkheim (1999, p. 34) entendia que “O estudo da solidariedade pertence, pois, ao domínio da sociologia. É um fato social que só pode ser bem conhecido por intermédio de seus efeitos sociais”. Desse modo, o autor considera importante para compreensão de um fato social, analisar os procedimentos de integração dos indivíduos que geram os efeitos sociais. Nesse sentido, o autor tinha uma visão otimista da sociedade capitalista, pois acreditava em um potencial de integração dos indivíduos a partir da solidariedade. Assim, a sociedade chegaria a um estágio complexo, onde todos os indivíduos dependeriam uns dos outros por meio do trabalho que cada vez mais passaria a exigir diferentes especializações, e ao atingir esse estágio de desenvolvimento avançado, os conflitos não existiriam mais. Este modelo de sociedade o autor conceitua como solidariedade orgânica (Fernandes, 2021).

Outro contraste entre os dois autores se apresenta no ponto de vista em relação à sociedade capitalista. Para Marx, “[...] a divisão do trabalho aliena os indivíduos da intelectualidade produtiva, tornando-os substituíveis” (Fernandes, 2021, p. 130). Desse modo, o autor não enxerga o potencial de mudança da sociedade capitalista, conferindo a esta uma simples reforma, os interesses das duas classes (burguesia e proletariado) são diferentes, e a

superação dessa condição só seria possível a partir de uma revolução no modo de produção. Já Durkheim, tinha uma visão de divisão do trabalho de maneira funcional, e para isso acontecer de forma coerente, estes indivíduos ocupariam as funções de trabalhadores e empregadores, isso permitiria uma organização da produção, garantindo a integração social que deveria ser preservada socialmente, para que conflitos não venham a acontecer (Fernandes, 2021).

Durkheim, percebe que o capitalista não deve exagerar na busca pelo lucro, e o trabalhador não deve questionar sua função dentro da divisão do trabalho. O autor considera “trabalhador” como dispositivo de uma identidade coletiva, gerada para garantir a coerção social, dentro da divisão social do trabalho. Para ele, a categoria trabalho ganharia um sentido de pertencimento no processo de tomada da consciência coletiva, e isso levaria a substituição da categoria “nação” (Durkheim, 2008 apud Fernandes, 2021).

Nessa perspectiva, Durkheim apresenta que: “[...] o mais notável efeito da divisão do trabalho não é aumentar o rendimento das funções divididas, mas torná-las solidárias. Seu papel, em todos esses casos, não é simplesmente embelezar ou melhorar sociedades existentes, mas tornar possíveis sociedades que, sem elas, não existiriam” (1999, p. 27). Assim, o princípio da solidariedade torna-se o principal motivador de uma sociedade integrada a partir das funções de trabalho que se tornaram cada vez mais divididas nas sociedades ditas complexas.

Diante disso, o autor considera o trabalho como um fato social. Porque: “Ele admitia que o trabalho só poderia ser entendido a partir da transformação da sociedade simples para sociedade complexa e, conseqüentemente, da solidariedade mecânica para orgânica” (Durkheim, 2008 apud Fernandes, 2021, p. 131). Assim, o autor entendia que a solidariedade mecânica acontecia nas sociedades simples, onde o princípio de cooperação era baseado a partir de valores concebidos por intermédio da religião e das crenças, e isso garantia a harmonia nesse modelo de sociedade, ou seja, isso gerava a integração entre os indivíduos por meio de uma teia de dependência. O grau de semelhança entre os indivíduos era maior, a divisão do trabalho era pequena e não acontecia especialização da mão de obra, isso permitia a existência de controle social (Fernandes, 2021).

A dinâmica da sociedade foi se modificando a partir do desenvolvimento do capitalismo e as relações no modo de produção, as cidades passaram a ficar cada vez mais populosas e o nível de complexidade também aumentou. Nessa perspectiva, Durkheim (2008, apud Fernandes, 2021, p. 131):

“[...] observa que as relações entre os indivíduos entraram num constante fluxo, com a introdução de novos e diferentes valores, necessitando de uma maior divisão do trabalho, haja vista que o incremento da racionalidade nas operações das indústrias criou a necessidade de novos profissionais e novos quadros e, como consequência, a especialização de determinadas funções”.

A racionalidade do processo industrial influenciou na especialização possibilitando uma maior divisão do trabalho, esse novo modelo de sociedade também gera concorrência, pois ao mesmo tempo que une os indivíduos, por outro lado os opõe, isso porque a divisão do trabalho permite a partilha das funções que antes eram as mesmas, mas também impõe a lógica da luta pela sobrevivência. A solidariedade agora em uma sociedade complexa acontece pelo princípio da dependência entre as funções, a diferenciação apresenta-se nas crenças e valores. Mas, criam-se direitos e deveres semelhantes para todos (Fernandes, 2021).

O autor demonstra a diferença entre os dois modelos de sociedade: “Então, teríamos a relação entre, de um lado, a consciência coletiva forte com uma divisão do trabalho menor; de outro, a consciência coletiva fraca e a divisão do trabalho mais intensa e profunda” (Durkheim, 2008 apud Fernandes, 2021, p. 132). Para que isso aconteça em uma sociedade complexa, o Estado deve atuar enquanto uma instituição sólida que permita a organização da divisão social do trabalho nesse novo modo de produção. O principal papel da solidariedade orgânica é a garantia da integração social por meio da divisão do trabalho, que agora estaria organizado a partir das corporações (Fernandes, 2021).

2.1.3 O trabalho na perspectiva de Max Weber

Neste momento, abordaremos o tema trabalho a partir da perspectiva do sociólogo Max Weber. O autor analisa a dinâmica da sociedade capitalista moderna pensando o conceito de ação social advindo das atitudes individuais presentes em torno das relações sociais. E o tema trabalho é analisado a partir de sua relação com o viés religioso.

O sociólogo alemão Max Weber buscou por meio da sociologia a compreensão da sociedade a partir da ação social dos indivíduos, que em sua compreensão poderia ser entendida por intermédio das ideias, crenças e valores, que geram as motivações humanas. Para o autor a ação social permite que as relações dentro da sociedade aconteçam por meio de uma individualidade sociocultural. Esta individualidade tornou-se seu objeto de estudo (Weber, 1994; 2006 apud Fernandes, 2021). Assim, o autor sugere que:

“[...] o mundo da cultura, para Weber, é uma arena em que os indivíduos atribuem sentido ao que fazem. Assim, a explicação dos fenômenos sociais só pode ser realizada a partir da ação social dos indivíduos, em que a sociedade seria o resultado dessas ações, que constituem o coletivo” (Fernandes, 2021, p.133).

Desse modo, Fernandes (2021) afirma que para Weber os indivíduos sempre fazem suas escolhas motivados por aspirações movidas por paixões e valores, e que de certa forma a cultura tem papel fundamental para a compreensão dessa individualidade, e é a partir dela que o autor explica os fenômenos sociais. Nesse sentido, Weber se diferencia da ideia de Durkheim em relação a compreensão dos fenômenos sociais. Porque este último compreendia que a estrutura influenciava na vida dos indivíduos um efeito de causa eficiente. Os dois autores também se diferenciam ao pensar a questão da neutralidade científica. Para Weber não existe neutralidade ao escolher um objeto de investigação, porque a escolha do indivíduo já se apresenta neste exato momento de escolha do objeto, no qual o processo de escolha já parte dos interesses e valores individuais. Entretanto, o autor sugere que as normas do fazer científico se sobressai frente a escolha do objeto de pesquisa, uma possível “objetividade” só pode ser alcançada quando os valores de escolha do objeto também são orientados por técnicas e procedimentos adequados para uma análise científica. Assim, é impossível que o pesquisador se afaste completamente do seu objeto de estudo, porque de certa forma implica um julgamento ao processo de análise da realidade investigada (Weber, 2006 apud Fernandes, 2021).

Weber, diferente de Durkheim e Comte, não acreditava na compreensão dos fenômenos sociais em diferentes sociedades observando suas características comuns e comparando-os. Como também, afastasse da ideia de compreensão dos fenômenos sociais a partir de uma teoria geral, como foi proposto por Marx. No entanto, Weber parte da compreensão de que os fatores culturais são centrais para o entendimento do capitalismo e suas configurações na modernidade (Weber, 2004 apud Fernandes, 2021).

Para Weber, a chave para compreensão do novo capitalismo reside na internalização da condição de trabalho pautado em um viés religioso, no qual existe a exigência de que o indivíduo se torne um ser de profissão. O autor também era contrário à ideia de analisar o capitalismo apenas pela estrutura econômica. Ele afirmava que a compreensão dos fenômenos sociais ocasionados a partir desse modelo de produção, deveriam acontecer por meio de diferentes áreas, formando um modelo de pluralismo e observando as versões: “[...]econômica, histórica, política, religiosa, etc.[...]” (Weber, 2004 apud Fernandes, 2021, p.135). Assim, as explicações para os fenômenos sociais seriam apresentadas por estas áreas.

O tema trabalho associado ao viés religioso torna-se importante para os estudos de Max Weber quando ele percebe que a Reforma Protestante é um momento histórico importante e que ocasionou a valorização do trabalho, que em outros momentos da história foi considerado como algo indesejado. (Weber, 1905 apud Sanson, 2014). Nesse sentido, o autor buscou compreender “[...] a origem do racionalismo ocidental manifesta no capitalismo, porém, a concepção de trabalho através da religião, oferece [...] a chave da compreensão do surgimento do racionalismo ocidental” (Weber, 1967 apud Sanson, 2014, p. 1). Desse modo, o autor analisa principalmente como as doutrinas religiosas advindas da Reforma impulsionaram o desenvolvimento econômico do capitalismo moderno.

De acordo com Weber (2004 apud Fernandes, 2021) foi a condição histórica do capitalismo europeu que tornou o trabalho uma atividade hipervalorizada. Nesse sentido, o autor propõe a explicação da formação do capitalismo a partir do espírito capitalista de obtenção do lucro relacionado a uma ética religiosa protestante, de autocontrole, e a poupança é um dos princípios fundamentais. Assim, a religião protestante tinha como princípio a valorização do trabalho, e que de certa forma isso promoveria a salvação dos indivíduos, ou seja, quanto mais estas pessoas tivessem uma vida regrada para o trabalho gerando riquezas elas seriam escolhidas por Deus.

Desse modo, podemos entender como a religião interfere na subjetividade dos indivíduos por meio da valorização do trabalho. Porque:

[...] a doutrina do Calvinismo contribui para o desenvolvimento do capitalismo e para a importância do trabalho na medida em que, na sua teologia – a doutrina da predestinação –, Deus decidiu desde o princípio quem, entre os crentes, compartilharia a salvação e quem seria condenado e não restaria alternativa a não ser travar uma luta diária para fazer jus à possível escolha de ser um dos eleitos de Deus.” (Weber apud Sanson, 2014, p. 3)

O trabalho é então incorporado na vida dos sujeitos como uma atitude de caráter moral que acontece em virtude do reconhecimento divino. Mas, principalmente isso gerou reconhecimento social para a formação dos capitalistas que tiveram obtenção de lucro e riqueza ao seguirem esta prática de conduta religiosa, inspirados pelo Calvinismo. Ao longo da história o autor percebe três momentos importantes para a configuração social a partir do trabalho na construção da subjetividade dos indivíduos que são: “[...]subjetividade resignada (trabalho-redenção), própria dos primórdios da sociedade religiosa do medievo para uma subjetividade afirmativa (trabalho-glorificação), até uma subjetividade da emancipação (trabalho-liberação conquistada na ante-sala da ascensão do liberalismo.” (Sanson, 2014, p. 5). Assim, podemos

entender que o sentido de trabalho assume distinta construção das subjetividades em diferentes contextos sociais.

Para Weber (2004 apud Fernandes, 2021, p. 135) “A formação do capitalismo teve como característica fundamental essa ação social orientada por um objetivo racional”. Desse modo, fica evidente que a ação dos indivíduos acontece por meio de uma conduta ética que é baseada em valores religiosos, e que tem como objetivo a formação de riqueza. O trabalho é configurado como uma vocação profissional, pois é a partir dele que os indivíduos almejam a salvação divina, assim, o trabalho é fonte para glorificação de Deus e o sucesso profissional é indicação de salvação. Diante disso, a interpretação de Weber consiste em entender que o trabalho “[...] só é valorizado porque há uma atribuição de sentido” (Fernandes, 2021, p. 137). Portanto, é a partir dessa configuração social que o autor observa o desenvolvimento do capitalismo moderno.

Além disso, no próximo tópico continuaremos com a discussão sobre o tema trabalho, agora sob a perspectiva da Antropologia Social. Este tema será analisado a partir das contribuições feitas por José Sérgio Leite Lopes dentro desse campo de estudo.

2.2 O TEMA TRABALHO NA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA SOCIAL

Para compreensão do fenômeno social investigado nesta pesquisa, que tem como problemática compreender qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica, histórica e cultural para as famílias da Comunidade Taboado de cima em Boqueirão-PB? É válido ressaltar que o campo de estudo desta pesquisa passa pela Antropologia do Trabalho, e tem fundamento em estudos e pesquisas na área da Antropologia Social. O tema trabalho pode envolver uma diversidade de aspectos para análise deste fenômeno social. Segundo Lopes:

A pertinência desta nova reunião de estudos será tanto maior quanto mais puder acolher uma diversidade temática em torno de aspectos do trabalho embutidas em outras formas de classificação temática da Antropologia Social, nos polos de preocupação de Antropologia urbana, de sociedades camponesas, de movimentos sociais, de memória social, de família e gerações, de cultura popular, de conflitos ambientais, de educação (2013, p. 80).

Os estudos sobre Trabalho de José Sérgio Leite Lopes e suas contribuições para Antropologia Social, serão importantes para fundamentação da temática desta pesquisa, já que a mesma aborda as discussões envolvendo Trabalho, Família e Geração, Tradição, Memória Familiar, Artesanato. Todas estas dimensões serão apresentadas neste estudo que envolve a

produção artesanal de redes de dormir presente na comunidade rural Taboado de cima em Boqueirão-PB.

Lopes (2013) mostra em seus estudos a existência de uma interdisciplinaridade ao estudar o tema trabalho na Antropologia Social. Visto que este tema, inicialmente, foi de interesse da Antropologia clássica, e teve como seus primeiros focos de análise de diferentes grupos sociais, como, indígenas, artesãos, entre outros. Na abordagem da Antropologia, a temática do trabalho aparecia de forma subjacente, a partir de conceitos como o dom e a reciprocidade existentes entre esses grupos considerados “tradicionalistas” e “pré-capitalistas”, a temática do trabalho começou a aparecer nesses aspectos da vida social. Mas adiante, sociólogos apresentaram interesse pela temática, pois a dinâmica da economia foi mudando ao longo da ascensão do capitalismo, e os processos sociais foram acontecendo e transformando-se a partir desta nova dinâmica.

A partir do processo de globalização, expansão do capitalismo moderno e consequentemente da industrialização a temática do trabalho foi ganhando outros contornos, a partir das práticas e impactos sociais existentes nessa nova configuração social. Com isso, estudar sobre classe trabalhadora, tanto os trabalhadores rurais quanto os trabalhadores urbanos, foi se tornando interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais. A partir disso, a Antropologia foi ocupando mais espaço nas investigações no campo do trabalho e das classes populares, utilizando de forma primordial os métodos de pesquisa da etnografia (Lopes, 2013).

A alternativa representada por novas pesquisas feitas por antropólogos se fez através da valorização de métodos etnográficos, de observação direta, do trabalho de campo prolongado, do contato respeitoso e duradouro com as populações estudadas, com empatia, com o entendimento de suas representações e concepções do mundo. Os métodos etnográficos utilizados com sucesso nos estudos de Antropologia Social acabaram se estendendo para outras disciplinas e hoje são comuns em estudos de outras Ciências Humanas (Lopes, 2013, p. 67).

A etnografia como alternativa de estudo é fundamental para um trabalho de campo bem-sucedido, pois ela nos proporciona ampliar o potencial de investigação, a partir dos seus métodos. Para compreensão e análise da produção artesanal das redes de dormir na comunidade do Taboado de Cima em Boqueirão-PB, a etnografia foi fundamental como metodologia neste estudo, para que a observação e o contato com as famílias da comunidade acontecessem de forma a apresentar as relações que envolvem todo esse processo social, acerca do artesanato e da tradição familiar.

A partir da etnografia Lopes (2013) pôde apropriar-se de uma experiência ao estudar o tema trabalho, seguindo a literatura do campo da Antropologia Social. Assim, ele realizou uma

análise das classes de trabalhadores operários em duas diferentes configurações, uns são operários em uma fábrica têxtil e outros em uma usina de açúcar em Paulista- PE. Segundo Lopes, “Minha experiência de pesquisa baseou-se na comparação entre dois grupos sociais de trabalhadores do ponto de vista de sua relação com a história e a formação de uma memória coletiva” (2013, p. 68). O autor fez uma comparação entre esses dois grupos, tentando entender a relação desses grupos a partir de uma origem rural. Nesse sentido, o autor presumiu que o método etnográfico seria eficaz em sua pesquisa, já que esses grupos eram pouco estudados pelos antropólogos.

Ao decidir e dedicar-se a estudar o tema trabalho a partir da classe trabalhadora dos centros industriais. O autor buscou conhecer e apropriar-se da literatura já existente sobre aspectos envolvendo o tema trabalho. Diante disso, sua experiência na comparação entre os dois grupos de operários, aconteceu por meio de semelhanças com conceitos abordados por outros autores, estudados na revisão de literatura sobre o tema trabalho (Lopes, 2013). No grupo dos operários e operárias têxteis de Paulista-PE, observou-se a característica de carisma de grupo discutida por Norbert Elias, e que foi desenvolvida por Weber, “Pois a coesão dos grupos operários, em geral pressuposta no efeito-teoria da consciência de classe possível, de fato é algo a ser construído e demonstrado” (Lopes, 2014, p. 76). Nesse sentido, é ressaltado que este grupo dispõe de uma determinação coletiva e organização na busca por direitos trabalhistas. E o ambiente da fábrica pode ser considerado como “[...]uma microssociedade, com suas hierarquias, divisões e solidariedades.” (Lopes, 2013, p. 76).

Já os operários do açúcar, são marcados por o “código da arte” que lhes une enquanto forma de autoclassificação interna. E isso acontece porque “[...] reforça a coesão operária face aos chefes da hierarquia interna, deslegitimados por não serem produtores diretos da matéria.” (Lopes, 2014, p. 76). Assim, o autor também pode perceber ao analisar este grupo o que o autor Bourdieu chamou de dupla verdade do trabalho, que por um lado o orgulho da profissão a partir do código da arte pode deslegitimar a outra face do trabalho que é caracterizada pela exploração. Nesse sentido, Lopes (2014, p. 76-77) afirma que “[...] se aos operários do açúcar falta uma historicidade ativa que impulse sua mobilização para a diminuição daquela exploração, tal não foi ausente da trajetória dos operários de Paulista”. Ao comparar os dois grupos de operários o autor determina essa diferenciação entre eles.

Após o período de desindustrialização do setor específico, Lopes (2014) afirma que continuou mantendo contato com os operários da fábrica Paulista-PE desde sua pesquisa. E assim, anos depois retornou com sua equipe de pesquisadores para estudar a história e a memória social da cidade e daquele grupo, na condição de ex operários. O papel do pesquisador

para esse grupo social também ganhou um novo sentido: “[...] a própria condição de pesquisador-coletor de dados é vista de forma diferente e transformada em pesquisador testemunha da história, em sistematizador e colaborador na divulgação da história local.” (Lopes, 2013, p. 77). Nesse contexto, surgem novas oportunidades para sistematização dos dados da pesquisa advindos de novos recursos audiovisuais, que passaram a ser adotados no trabalho etnográfico.

A etnografia de longa duração pode agora conter um documento construído com a participação explícita dos pesquisados, editados e mostrados publicamente em carne, osso e palavra; um documento a ser apropriado de forma mais favorável pelo próprio grupo retratado e seus descendentes (Lopes, 2013, p. 78).

O novo cenário possibilitou aos pesquisadores, construir o que o autor chama de material historiográfico, que permite devolver àquele grupo sua história coletiva de forma documentada, e que pode auxiliar para construção da identidade coletiva, e servindo de aprendizado e conhecimento para as gerações futuras. Desse modo, o trabalho etnográfico tem como intuito, preservar a história e a memória de diversos grupos sociais (Lopes, 2013).

Diante disso, o tema Trabalho visto pela Antropologia Social, será fundamental para abordagem do tema desta pesquisa que se concentra em torno da produção artesanal de redes de dormir em uma comunidade rural do município de Boqueirão-PB. Será de grande relevância discutir como a lógica do trabalho acontece dentro desse grupo social, mostrando por meio da etnografia a relação dessas famílias com o artesanato, e principalmente apresentar a história e a memória social contada por essas famílias. Ademais, iremos abordar sobre o papel da produção artesanal de redes de dormir no Brasil, apresentando seu surgimento até sua configuração atual, e principalmente mostrando sua contribuição para o nordeste brasileiro.

2.3 A PRODUÇÃO ARTESANAL DE REDES DE DORMIR NO BRASIL

Para entender a história das redes de dormir é importante contextualizar as relações sociais que caracterizam a formação desse tipo de produção em seu caráter artesanal no Brasil. De acordo com Cascudo (2012) as primeiras técnicas da produção artesanal das redes no Brasil eram feitas por mulheres indígenas. Os diferentes usos da rede aplicavam-se desde aquelas que enfeitavam as varandas da casa-grande nas fazendas às redes de dormir. No Brasil colonial na região Nordeste era muito comum o uso da rede como meio de viagem, no qual senhores de engenho e seus familiares costumavam ser carregados por escravos. A rede foi o aparato de

dormir, descanso e lazer do senhor de engenho que marcava a aristocracia rural no Brasil. As redes mais humildes também já foram utilizadas como meio de carregar defuntos para o cemitério. O material e a estrutura da rede também eram influenciados pela região e pela condição social.

As primeiras redes de dormir desenvolvidas eram muito semelhantes às redes de pesca, as primeiras mulheres e moças indígenas fiavam o algodão e realizavam um acabamento ainda precário das redes de dormir. Mas, é a partir da chegada dos missionários jesuítas nas aldeias indígenas do nordeste brasileiro, que estas mulheres passam a aprender novas técnicas da produção artesanal das redes, como por exemplo, a técnica de tecer. É a partir da chegada dos teares que as redes ganham uma estrutura mais encorpada através de tecido compacto, e assim, a rede exibe um formato mais bem elaborado para a finalidade ornamental, a elas são atribuídos mais enfeites com franjas e varandas, etc., essas técnicas antes eram desenvolvidas por mulheres portuguesas (Casculo, 2012). Desse modo, é evidente que na divisão sexual do trabalho artesanal na produção de redes de dormir, é representado expressivamente pelas mulheres.

Quem viveu no sertão do Nordeste até 1910 sabe perfeitamente que rara seria a fazenda onde a rede fosse objeto de compra. Era uma indústria doméstica e tradicional. Comprava-se a rede mais larga, avarandada, bordada, “rede de casal”, às velhas donas que mantinham o artesanato obstinado. As redes menores, de uso comum, para latada, descanso, dormida de rapaz solteiro e de moça donzela, eram, quase sempre, tarefa familiar. As redes bonitas, caras, destinadas à presente ou uso em ocasiões de festas, eram as “redes do Ceará”, tecidas e acabadas com um bom gosto inimitável. O mesmo dizia das do Piauí, famosas, trazidas pelos comboeiros, veteranos na histórica Estrada das Boiadas (Casculo, 2012, p.13).

Diante disso, a rede assume um papel muito relacionado à tradição familiar, no sentido de ser confeccionada no ambiente doméstico e por também assumir diferentes formas de uso e compor o próprio ambiente familiar, garantindo o conforto e o lazer. A rede também virou símbolo de mobiliário local e descanso, eram nelas que os visitantes se acomodavam (Casculo, 2012)

Sob a perspectiva de Casculo (2012, p.16) as redes também se tornaram meio de locomoção:

As liteiras, que a dominação romana havia divulgado por toda parte, sugeriram aos portugueses e espanhóis quinhentistas adaptar a rede à função de veículo transportador. Suspensa por forte vara apoiada nas extremidades aos ombros de escravos, a rede ficou sendo um dos transportes mais cômodos e deleitosos. Nunca um chefe indígena, um tuxaua soberbo, tivera a imagem de ser carregado nas costas dos seus vassallos de tribos. Não possuiria autoridade para tal luxo nem o julgava existente. Não havendo animais de cargas, o indígena não conceberia semelhante prática.

Desse modo, fica evidente que a rede como meio de transporte teve sua origem advinda da Europa, esta prática é inserida no Brasil pelos povos colonizadores que colocam as pessoas na condição de escravizados para os transportarem por meio da rede. Os povos indígenas por maior poder que exercessem dentro da aldeia jamais conceberam tal prática, pois ao contrário dos colonizadores eles não viam a rede como um artigo de luxo. Com o domínio holandês as redes também passaram a ser símbolo de locomoção e descanso em grande parte do Nordeste brasileiro. Porque:

A rede era solução indolente para a poeira, calor e distância. E em rede a fidalguia do tempo vinha se arrastando, olhos fechados, descansando a preguiça, para as jornadas indispensáveis, festa do Conde Governador, conspiração ou negócio, no ritmo bambo da vida social do século XVII (Casculo, 2012, p. 17).

De acordo com Casculo (2012, p.18) “A rede para descansar, amar, dormir, tornou -se também indispensável como viatura. Carregava a gente de prol nas ruas e mesmo para o interior das igrejas”. Isso aconteceu de forma recorrente no período de ascensão dos engenhos de cana-de-açúcar, muito utilizada pela família do senhor de engenho, que eram carregados pelo povo escravizado. Como também, a rede era utensílio de poder e descanso para os senhores de engenho.

A rede ocupou espaço nas senzalas como fonte de conforto para os bebês e auxílio para as mulheres negras e escravizadas, pois algumas senhoras brancas persuadiram estas mulheres a adotar o uso da rede. Segundo Casculo (2012, p. 23) “Negro que não zela sua rede não zela seu amo.” Nesse caso, a rede poderia ser configurada como uma ferramenta de adestração do povo negro escravizado. As varandas eram característica de ornamentação das redes, e não eram muito comuns nas redes das pessoas escravizadas, as mulheres negras costumavam enfeitar as redes de seus filhos com retalhos de varandas que já haviam pertencido de redes utilizadas pelos senhores de engenho. O algodão é o elemento primordial na elaboração das redes de dormir e tem como origem os povos Tupi e Cariris, porque eles “[...] foram os grandes povoadores do interior nordestino, haverá a preparação inicial para o uso da rede entre as populações sertanejas que nasceram ou depois foram fixadas naquelas regiões” (Casculo, 2012, p. 32). Até os dias atuais o algodão ainda é fonte de matéria-prima para a produção artesanal das redes de dormir.

Segundo Araújo (1996) a produção artesanal de redes de dormir no Brasil constitui um bem presente na nossa história, desde sua herança com as primeiras técnicas artesanais advindas dos povos originários e o contexto histórico, social e cultural do processo de colonização, que

permitiram que a prática artesanal das redes de dormir se expandisse por todo o território nacional. A produção artesanal de redes de dormir no nordeste brasileiro, apresenta uma característica comum em torno da organização da produção, existe a presença da matéria-prima no caso do fio que passa por um processo industrial e a tecnificação no uso dos teares. Entretanto, os acabamentos ornamentais das redes de dormir são realizados em sua maioria de forma artesanal. Desse modo, a produção de rede de dormir constitui uma importante atividade econômica regional.

De acordo com Araújo (1996) o caráter artesanal presente na produção de redes de dormir, pode caracterizar-se muito além do simples uso da força física para manusear determinada técnica com ou sem auxílio de instrumentos. Contudo, o que esbanja sentido artesanal é o raciocínio através do instinto criativo humano que permite tornar um produto estruturado para ter utilidade prática na vida das pessoas, tornando-o utilizável de forma agradável.

Para Rios (1962, p. 10 apud Araújo, 1996) o artesanato apresenta um papel social e econômico muito importante para o nordeste brasileiro. Apesar de ser uma atividade em muitos casos exercida de forma precária, ela ainda representa o sustento para muitas famílias na região. Isso porque a organização da produção no processo artesanal das redes ainda tem demanda expressiva de mão-de-obra. No nordeste brasileiro a prática artesanal da produção de redes de dormir pode estar muito concentrada na zona rural, e a comercialização das redes acontecem nos centros urbanos.

Existe também uma grande variedade no uso de instrumentos e técnicas para elaboração das redes de dormir no Nordeste brasileiro. Porque:

Até mesmo quanto à utilização constataram-se diferenças de utilização em um mesmo modelo de tear manual, dependendo do lugar onde seja utilizado. Outro momento em que há diferenças significativas é no acabamento do produto, em que se verificam inúmeras diferenças, não só nos instrumentos e técnicas, mas também na linguagem utilizada para denominar processos semelhantes (Araújo, 1996, p. 54).

Nesse sentido, vale ressaltar que os procedimentos de organização da confecção das redes de dormir assume também uma característica cultural que pode sofrer variações de acordo com o lugar, assumindo diferenças dentro do mesmo processo de produção artesanal das redes de dormir. A elaboração das redes representa uma combinação entre “instrumentos e técnicas rudimentares/artesanais com instrumentos e técnicas modernas” (Araújo, 1996, p. 54). Desse modo, esta atividade econômica também representa grande potencial de reciclagem de materiais, muitos instrumentos construídos para confecção das redes de dormir, são feitos com

resíduos de matérias considerados como “sucata”, esse é o caso do fio que é utilizado para compor o pano da rede e dos teares elétricos (Araújo, 1996).

Para Araújo (1996, p.179):

Como se vê essa atividade de outrora organizava-se de tal forma em que as unidades produtivas se encarregavam de elaborar inteiramente o produto. A partir, porém, do advento de uma demanda que extrapolou os mercados locais e/ou regionais, surgiram transformações na estruturação da atividade, que, hoje apresenta-se com bastante complexidade, demandando intensa divisão do trabalho, já que como foi demonstrado a confecção do produto requer elevado número de operações.

Antes a organização da produção artesanal das redes era exercida por poucas pessoas, ou seja, a maioria das etapas de trabalho artesanal das redes de dormir, eram exercidas por membros da mesma família. Mas, com a expansão da comercialização e procura dos produtos no mercado nacional, a organização da produção e divisão do trabalho mudou, aumentando a procura por força de trabalho, e gerando mais oportunidades de emprego.

Segundo Keller (2014) no Brasil a atividade artesanal é representada expressivamente pelas mulheres, já que em muitos casos esta atividade assume um papel de renda complementar. Por ser uma atividade que se apresenta no Brasil na informalidade, algumas alternativas para mudança desta condição podem ser na fundação de sindicatos ou cooperativas. Estas seriam maneiras de trazer autonomia aos artesãos e inibir a presença de atravessadores. Estes agem como intermediários e compram mercadorias do artesão produtor para vender aos comerciantes donos de loja em diferentes localidades.

Além disso, no próximo tópico iremos apresentar as características do nosso lócus de pesquisa, mostrando o papel da produção artesanal das redes de dormir dentro da comunidade estudada.

2.4 A PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR NA COMUNIDADE TABOADO DE CIMA EM BOQUEIRÃO-PB

A manufatura artesanal na produção de redes de dormir no município de Boqueirão-PB, apresenta-se antes mesmo de sua emancipação política. Segundo Araújo (1986) por volta dos anos 50 aconteceu a construção do açude Epitácio Pessoa neste município, que tinha como finalidade gerar abastecimento de água para Campina Grande. Neste período muitas famílias que trabalhavam com a agricultura perderam seu espaço de terra para a construção do açude, e a partir daí muitas famílias passaram a migrar para os estados do sudeste e sul do país. Os que

resolveram ficar lutaram em busca de novos espaços de terra, e a partir daí surge uma nova configuração social envolvendo as atividades econômicas na região. Desde então, as famílias passaram a associar a atividade agrícola com o artesanato das redes de dormir, como forma de garantia da sua subsistência. A origem do artesanato no município de Boqueirão-PB é fruto dos nativos índios cariris que já habitaram a região. Até os dias de hoje o artesanato das redes de dormir ainda é uma atividade econômica presente no município. Ademais, iremos abordar como a atividade artesanal das redes de dormir está inserida na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB.

Segundo dados do IBGE com base no censo de 2010, a população do município de Boqueirão-PB é de 16.888 habitantes. De acordo com Brito (2017, p. 16) “A economia do município baseia-se na agricultura e pecuária, no comércio de bens e serviços, outro ponto forte para a economia é o artesanato, destacando-se o tapete e a rede, a renda média per capita é de 319,11 R\$”. O estado da Paraíba registrou 0,558 no índice de Gini, que é capaz de medir a concentração de renda e a desigualdade socioeconômica da população (G1, 2023). Já os dados do (IBGE, 2022) apontam que o rendimento mensal per capita paraibano é de 1.096. Diante disso, comparado a esses dados é evidente que o município representa uma grande parcela de desigualdade social e grande índice de pobreza.

Desse modo, a Comunidade Taboado de Cima está localizada na zona rural às margens do rio Paraíba no município de Boqueirão-PB. Nesta localidade, a produção artesanal de redes acontece há aproximadamente seis gerações e já faz parte da cultura deste lugar. A problemática que norteia o tema dessa pesquisa é compreender qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica e cultural para as famílias da Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB. A comunidade Taboado de Cima está representada por um total de 113 famílias, com aproximadamente 340 habitantes, segundo dados da secretaria de saúde municipal (Entrevista realizada no dia 10 de novembro de 2022).

Na comunidade existe uma escola pública que oferta a educação infantil e o ensino fundamental I, Unidade Básica de Saúde, igreja católica, quadra esportiva e campo de futebol. As atividades econômicas desempenhadas na comunidade são: a criação bovina e caprina, a agricultura e a produção artesanal de redes de dormir. Segundo Medeiros (2015) a produção artesanal de redes de dormir no Brasil advém da tradição indígena e cabocla. Nesse sentido, a produção artesanal de redes advinda da herança de povos nativos da região do Cariri Paraibano, assumiu um papel importante como meio de fonte de renda das famílias na comunidade taboadense (Oliveira, 2019).

Diante disso, a prática de produção artesanal de redes de dormir desempenha um papel cultural muito forte dentro da comunidade, porque envolve toda uma tradição familiar que já perpassa gerações e corresponde ao sustento da maioria das famílias envolvidas na confecção das redes de dormir.

A organização do trabalho na produção artesanal de redes de dormir na Comunidade Taboado de Cima, acontece dentro das próprias famílias, na qual dividem todas as etapas da produção artesanal. As principais etapas da confecção das redes de dormir são: preparação do fio, tecelagem do pano da rede e acabamentos finais (matame, mamucaba, varanda ou franja e empunhação). Sendo assim, cada membro da família fica responsável pela realização de alguma ou mais de uma dessas etapas do processo artesanal das redes de dormir.

Fotografia 1 - Comunidade Taboado de Cima



Fonte: Arquivo próprio, maio de 2024.

Fotografia 2 - Unidade Básica de Saúde e Escola Municipal na Comunidade Taboado de Cima



Fonte: Arquivo próprio, maio de 2024.

Neste primeiro capítulo observamos como o tema trabalho foi contemplado pelo olhar da sociologia clássica ao analisar a sociedade capitalista presente na Europa industrial. Também destacamos como o tema trabalho é analisado pela Antropologia Social, no qual dispõe de um campo de estudo bastante interdisciplinar. Foi apresentado as principais características que configuram a produção artesanal de redes de dormir no Brasil, dando ênfase para a representação desta atividade econômica no Nordeste. E ao final, foi discutido como a atividade artesanal de redes de dormir está inserida na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB.

3 CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Para compreendermos como as famílias se organizam em torno da produção artesanal das redes de dormir, é fundamental destacarmos que esta atividade econômica já está inserida nesta comunidade rural há bastante tempo. É válido ressaltar que o espaço rural também é lugar de reprodução de saberes, práticas e experiências, na concepção de Carneiro (1998) um espaço que produz ruralidades, onde há uma multiplicidade de sujeitos rurais. Na Comunidade Taboado de Cima podemos perceber isso, quando pensamos a relação das famílias com a produção artesanal das redes de dormir. Desse modo, pensar a organização desta atividade econômica é conhecer todo um universo de relações baseadas em transmissão de saberes e técnicas por meio de uma tradição familiar que já acontece ao longo de gerações.

Nessa perspectiva, Keller (2014, p. 325) afirma que “[...] na sociedade contemporânea, a produção artesanal adquire uma natureza precária. As diversas formas de produção social de artesanato no mundo contemporâneo podem caracterizar tanto formas de subsistência social quanto de resistência cultural.” Nesse sentido, podemos pensar a relação entre a atividade artesanal da produção de redes de dormir com as famílias da comunidade, sob a forma de subsistência social, já que este tipo de trabalho é a fonte de renda para estes indivíduos, e sob a forma de resistência cultural, pois a permanência destas famílias até os dias de hoje trabalhando de forma artesanal representa e mantém viva uma tradição familiar transmitida de geração a geração.

3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS E CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS INSERIDAS NA ATIVIDADE ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Primeiramente, é importante apresentar quem são os sujeitos envolvidos na pesquisa, caracterizando o perfil familiar destas pessoas que realizam a atividade artesanal de produção de redes de dormir. As entrevistas foram realizadas com um total de 5 famílias, de cada grupo familiar foi entrevistado 2 pessoas, em todas as famílias os entrevistados foram os casais e chefes de família. As 10 entrevistas foram guiadas por um roteiro de perguntas semiestruturada. Também foi realizada uma conversa em forma de entrevista não estruturada com uma pessoa que já foi presidente da antiga associação dos artesões da comunidade. Assim, ao final tivemos um total de 11 entrevistas realizadas. As entrevistas aconteceram em outubro de 2023, fevereiro e março 2024.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados e tipo de tear que trabalha

Entrevistado (a)	Gênero	Idade	Tipo de Tear
01(Geronaldo)	M	57	Tear manual
02 (Maria)	F	51	Tear manual
03 (Braz)	M	44	Tear elétrico
04 (Roseane)	F	38	Tear elétrico
05 (Fernando)	M	52	Tear manual
06 (Rosilda)	F	47	Tear manual
07(Ivan)	M	52	Tear elétrico
08 (Diana)	F	44	Tear elétrico
09 (Jerônimo)	M	59	Tear manual
10 (Guia)	F	53	Tear manual
11 (José)	M	64	-----

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A família dos entrevistados Geronaldo e Maria é composta por seis pessoas, e todos estão inseridos na produção artesanal das redes de dormir. A família dos entrevistados Braz e Roseane é formado por quatro pessoas e todos estão inseridos na atividade artesanal. A família dos entrevistados Ivan e Diana é composta por três pessoas e todos trabalham com a confecção artesanal das redes de dormir. A família dos entrevistados Fernando e Rosilda é composta por três pessoas e todos trabalham com artesanato das redes de dormir. A família de Jerônimo e Guia é composta por quatro pessoas e todos estão inseridos na atividade artesanal. José reside sozinho e atualmente não trabalha mais com o artesanato das redes de dormir.

Quadro 3 – Perfil socioeconômico das famílias entrevistadas

Famílias	Fonte de renda das famílias
Geronaldo e Maria	Artesanato das redes de dormir, agricultura e Bolsa Família
Braz e Roseane	Artesanato das redes de dormir, agricultura e Bolsa Família
Fernando e Rosilda	Artesanato das redes de dormir, agricultura e Bolsa Família
Ivan e Diana	Artesanato das redes de dormir, agricultura e Bolsa Família
Jerônimo e Guia	Artesanato das redes de dormir, agricultura e Bolsa Família
José	Aposentado

Fonte: Sistematização da autora a partir do diário de campo, 2023/2024.

Araújo (1986, p.18) sustenta que “[...] o artesão além da confecção de rede desenvolve outra atividade, como complementação de sua renda familiar, em geral a agricultura de subsistência”. Nesse sentido, ao analisarmos a tabela percebemos que os principais meios de fonte de renda das famílias entrevistadas é principalmente o artesanato das redes de dormir, a

agricultura de subsistência apenas familiar e o benefício social (Bolsa Família). No decorrer da pesquisa de campo ficou evidente que para as famílias que trabalham com a produção artesanal das redes de dormir em teares elétricos esta é a principal fonte de renda em vista do lucro obtido nesta atividade, e para as famílias que trabalham em teares manuais o lucro da atividade artesanal representa apenas um completo da renda em soma com demais atividades. Diante disso, podemos perceber que o mercado para as redes produzidas em teares elétricos é mais abrangente e a procura por redes de teares manuais costuma ser mais reduzida (Diário de campo).

3.2 HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS COM A PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Para identificar como as famílias se organizam em torno da produção artesanal de redes de dormir na Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB. É preciso apresentar a história das famílias e sua relação com esta atividade econômica.

Neste primeiro mapa temático discutiremos a relação das famílias com a produção artesanal das redes de dormir. Assim, analisando o primeiro contato dos entrevistados com as técnicas e aprendizados em torno da produção artesanal das redes de dormir.

Quadro 4 – História e relação das famílias com a produção artesanal das redes de dormir

Fala dos Entrevistados
<p>Eu comecei fazer rede com a minha mãe, que a minha mãe fazia rede, meu pai tecia, ela fazia rede, aí desde a gente muito pequeno ela começou ensinando a gente a fazer rede. Primeiro começou ensinando fazer o matame, emendando a rede fazendo a trança, aí depois começou ensinando a mamucaba, a urdir a peça, e assim a gente aprendeu, eu e meus irmãos aprendemos todos os serviços da rede.</p> <p>Sim, essa atividade tá na família há uns 150 anos. Porque essa atividade foi da minha bisavó que começou fazendo rede, fazia rede de pano, tecia o pano, aí fazia a rede de pano, que nem chamava. Desde de 11 anos de idade que eu comecei trabalhando, fazendo trança, fazendo a mamucaba, emendando a rede, e assim eu aprendi, encher a espula, eu faço todo o serviço da rede, pego o pano da rede e deixo ela ficar pronta, todos os serviços eu sei fazer, sei fazer a varanda. Sim, eu digo que essa atividade já tá nessa comunidade a mais de 150, a 150 anos ou mais, porque meu pai contava que a mãe dele fazia rede de três pano, fazia varanda, varanda muito bonita, ela fazia uma varanda bordada muito bonita, mas ele contava que os avôs dele... já faziam essa rede, aí quando ela era moça solteira, aí aprendeu fazer a rede, aí ela tecia a rede no tear, fazia todos os serviços da rede, fazia a varanda. Aí meu pai contava, que quando ela se casou com o pai dele, aí ela foi e trouxe a urdideira de urdir o fio, a máquina de encher espula, trouxe um bucado de coisa que ela trabalhava, mas os pais, aí foi tempo que os pais foi ficando velhinho, aí ela trouxe os objeto de trabalhar pra casa dela, quando ela se casou, aí ela tecia, fazia a rede. Aí meu pai contava que o pai dele trabalhava</p>

muito na roça, plantava algodão, plantava milho, fava, feijão, plantava também batata no rio, aí quando ele casou-se com ela, aí também ele entrou nesse trabalho de artesanato de rede, também fazendo rede, divido que ela já sabia fazer rede, aí ele também teceu e fazia rede também com ela. Mas também nunca deixou de fazer a atividade da roça que ele trabalhava na roça (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).

Eu já nasci dentro do artesanato, trabalhando como artesão, desde meus pais, aí...continuamos trabalhando no artesanato. Meus avós, meus pais e agora nós. Comecei a trabalhar com uns 8 anos de idade. Eu aprendi botar uma agulhinha assim, no pano da rede, foi a minha primeira técnica, aí depois fui aprendendo a torcer cordão, pra fazer a empunhação das redes, aí fui aprendendo, e pouco a pouco, fui aprendendo mais coisas. Com Meus pais, depois meus irmãos (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

É mesmo que a pessoa dizer que é mentira, mas desde os cinco anos de idade que eu já comecei a fazer rede, matame, comecei a fazer matame, aí mãe foi me ensinando fazer matame, passar mamucaba, e por aí, franja, emendar rede, trançar (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Através do nossos pais que já trabalhavam com esse produto [redes de dormir], quando a gente começou crescer já foi se desenvolvendo [aprendendo] já pra trabalhar com isso, e até hoje tamo dentro do processo ainda. Eu tô com 54 eu comecei na faixa de doze anos de idade a trabalhar com isso (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

Acho que com uns nove a dez anos já trabalhava também. Eu comecei a trançar rede, a fazer o matame, os acabamentos aí que comecei, fui pra mamucaba e até hoje ainda continuo. Com as minhas irmãs mais velha, que ia fazendo e eu fui aprendendo (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria Diana Santos Sousa no dia 12 de outubro de 2023).

Desde 7 anos de idade que eu faço rede, que eu aprendi fazer rede. Mãe, pai. Passei mamucaba e fazia o matame (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria da Guia Macêdo Sousa no dia 29 de fevereiro de 2024).

Acho que desde os 12 anos, 15 anos eu já comecei...com esse tempo já trabalhava. Eu aprendi em casa mesmo, trabalhando em casa, na casa dos pais da gente mesmo. Torcer cordão, às vezes encher espula, fazer miada, tudo isso fui aprendendo...aí depois aprendi a tecer, empunhar rede. Umas 2 gerações ou 3 já. Avô, o pai e a gente agora (Entrevista concedida à pesquisadora por Jerônimo Vieira de Sousa no dia 01 de março de 2024).

Eu não me lembro a idade não, [...] mas acho que era assim, de... de...de 9 a 10 anos eu já trabalhava, já fazia matame, já enchia espula, já...assim, a partir dos 12 anos eu comecei a tecer. Sempre aprendi com...com guia, com Ivan, assim, com o finado pai que me ensinava também (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).

É vem de geração de avós, de pais e a gente continuou pra sobreviver. É, eu comecei com nove anos fazendo mamucaba pra ajudar em casa (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).

Reflexão e análise da pesquisadora
<p>Ao analisarmos as falas dos entrevistados podemos perceber que a prática e a inserção na atividade artesanal das redes de dormir acontece desde a infância. A maioria dos entrevistados descrevem que este aprendizado é transmitido oralmente principalmente pelos pais e irmãos. Em todas as narrativas observa-se que a atividade artesanal já está na família destes entrevistados desde os pais, avôs ou até mesmo bisavôs. Assim, é importante destacar que esta atividade está presente nesta comunidade ao longo de gerações, e tem como fruto o aprendizado de saberes das práticas e técnicas transmitidas por meio de uma tradição familiar.</p> <p>De acordo com Medeiros (2015) esta atividade artesanal caracteriza-se por meio de troca de experiências compartilhadas entre aqueles inseridos neste meio de produção, e a fabricação das redes assume a representação econômica de determinado meio social. É através da oralidade que a prática e as condutas de produção são transmitidas e ensinadas, pois torna-se parte da identidade de um povo e é representada como uma atividade familiar. A produção das redes de dormir representa desde o trabalho manual com teares de madeira, até a modernização por meio das máquinas de teares elétricos. O material essencial para este tipo de produção é o fio. As atividades que conduzem as etapas de produção acontecem aos arredores e nos próprios ambientes de moradia, conduzindo assim uma prática permeada de interação social.</p>

Fonte: Elaboração própria, 2023/2024.

3.3 ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS EM TORNO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Durante o percurso da pesquisa de campo também buscou-se identificar por meio das entrevistas, como as famílias se organizam em torno da produção artesanal de redes de dormir. Neste mapa temático, será apresentado como acontece a divisão do trabalho e a organização das famílias em torno da produção artesanal das redes de dormir.

Quadro 5 – Organização das famílias e divisão do trabalho na produção artesanal das redes de dormir

Fala dos entrevistados
<p>É, a gente faz uma parte em casa, e tem a participação de outras pessoas, por conta da demanda dos serviços, que aumentou. É por etapa de trabalho, né? é do começo, começa a passar o fio, aí vai pra peça, aí vai emendar a peça, vai fazer o tecido, depois do tecido vem o acabamento, até terminar na empunhação. O serviço manual é mais das mulher né? É sempre na tecelagem, e na fazida de...do processo de urdir a peça e passar o fio é sempre mais masculino né? É, eu sempre faço a varanda e o acabamento de emendar, torcer e fazer o matame (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>Existe, existe a participação de outras pessoas, cada etapa do, do serviço, vai, vai...assim, vai pra uma pessoa diferente, não é tudo feito em casa não. Eu, eu faço a parte do...do tecido até, até o ...pano da rede, e, e o final da rede a empunhação (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p>

Eu começo no urdir, eu urdo o fio, aí depois enrolamos a peça, aí depois eu teço os pano, aí, aí depois que tá tecido os panos, aí começa o serviço com ela [esposa], a esposa começa emendar, a fazer a trança, a passar a mamucaba, e a filha também ajuda a fazer a varanda, e a fazer o matame, aí faz todos nós (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Os processos de fabricação a gente só fabrica o pano, hoje em dia o acabamento é através de terceiros, de pessoas terceirizadas já, uma pessoa faz uma parte, outra faz outro e assim a gente conclui a rede. Cada um a fazer tem seu valor, seu tipo de valor e no final é agregado ao preço total da mercadoria, entendeu? Porque é um processo...em casa a gente faz o pano da rede, pega o fio, urde o fio e enrola nos teares e tece, aí tá concluído o pano da rede. Aí vem a outra parte do acabamento, que é a varanda, é mamucaba, é matame, aí já tem cada um trabalho desse tem uma pessoa que faz. Depende tanto faz homem quanto mulher fabricar a rede, não tem diferença não (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

O trabalho é dividido assim, eu e meu esposo a gente às vezes urde a peça, aí prepara a peça aí ele começa tecer, eu ajudo também encher espula quando precisa, eu posso encher um pouco de espula, aí eu já vou no serviço fazendo a trança da rede, aí depois faço a mamucaba, aí depois passo o matame da rede, aí vou fazer a varanda, que aí a rede fica pronta, pra depois ele colocar os punho. Eu faço a trança da rede, faço a mamucaba, faço também encho espula também, faço varanda, faço o matame da rede também, sei fazer todos os serviços da rede (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).

É, a varanda, a varanda é fora, mas os outros é tudo em casa. Eu emendo, faço trança, faço matame, passo mamucaba, e o resto Nego [apelido do esposo] faz...ele tece, ele empunha, faz caré (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria da Guia Macêdo Sousa no dia 29 de fevereiro de 2024).

Reflexão e análise da pesquisadora

Segundo Keller (2014, p. 330) “[...] o trabalho artesanal envolve um processo produtivo e criativo.” Nesse sentido, as famílias se organizam no trabalho a partir das etapas de produção e exercem as técnicas para confecção das redes de forma criativa, especialmente no detalhamento do padrão para o pano da rede. Desse modo, a organização na produção artesanal das redes de dormir acontece dentro da própria estrutura familiar, a divisão do trabalho acontece por meio das etapas de produção e confecção das redes. A maioria das famílias externaliza uma parte da produção, e em algumas delas todas as etapas são feitas pelos próprios membros do eixo familiar. Durante a pesquisa de campo, percebemos que onde a produção de redes de dormir é feita por teares elétricos existe uma demanda de pessoas terceirizadas para realizar a parte do trabalho dos acabamentos das redes de dormir, e isso acontece porque a quantidade de produção é maior, e só os membros da casa não dão conta de realizar todo o processo dos acabamentos. Diferente das famílias que trabalham com os teares manuais, nesse caso observamos que praticamente todas as etapas de produção são feitas pelos próprios membros da família.

De acordo com Medeiros (2015, p. 51) “As etapas que estão envolvidas dentro da prática da fabricação das redes compõem uma diversificação desde a preparação do fio necessário para a produção até a confecção do pano e sua transformação em rede.” Diante disso, seguindo essa estrutura de etapas de trabalho podemos entender como funciona o processo de produção artesanal das redes de dormir pelas famílias da comunidade Taboado de Cima. A divisão das etapas de produção acontece em três etapas principais: definição do padrão da rede e urdimento do fio; tecelagem do pano da rede e acabamentos finais. A partir daí, podemos descrever como é feita estas etapas de produção, assim, com a matéria prima

em mãos (o fio) é pensado um padrão para confeccionar o pano da rede, em seguida, é escolhido a quantidade certa de fio para esse padrão que depois é urdido (em urdideira manual feita de madeira ou elétrica) para que depois possa ser enrolado no rolo do tear. Depois que a peça é colocada no rolo do tear, ela é emendada junto a peça anterior e logo após o pano de rede começa a ser tecido no tear (que pode ser manual feito com madeira ou elétrico), para tecer o pano no tear também é necessário passar uma parte do fio e enrolar na máquina (manual feita de madeira ou elétrica) de encher espula. Essa espula será inserida em uma lançadeira que servirá para entrelaçar o fio que está na peça do tear e assim fica pronto o pano da rede. Após tecer o pano da rede no tear, se inicia a parte de confecção dos acabamentos finais, primeiro emenda e torce as duas bordas menores do pano da rede que foi recortado do tear, em seguida se faz o matame e depois a mamucaba, após é feita a varanda ou aplicação de franja nos dois lados maiores da rede, e por fim é feita a empunhação e o caré com o cordão de fio nas duas partes menores da rede, para fazer essas duas últimas etapas é necessário torcer o fio para fazer o cordão em uma maquinazinha elétrica.

Podemos perceber também através das falas dos entrevistados que existe algumas etapas da produção artesanal das redes de dormir que são mais desempenhadas pelos homens e outras pelas mulheres. Como por exemplo, o processo de tecelagem, a empunhação e caré são realizados geralmente pelos homens. Já os acabamentos finais como a varanda e mamucaba são exercidos predominantemente pelas mulheres. Assim, podemos perceber como acontece a divisão do trabalho entre homens e mulheres dentro da produção artesanal das redes de dormir. Entretanto, isso não significa que ambos não possam apreender e realizar cada um destas etapas de trabalho na produção artesanal das redes de dormir.

Fonte: Elaboração própria, 2023/2024.

Ao longo da pesquisa de campo surgiram também questionamentos sobre a forma que as famílias determinam o preço de uma rede de dormir, e quais são os critérios utilizados. Assim, surgiu a necessidade de trazer em forma de mapa temático essas narrativas sobre como é determinado o valor de uma rede de dormir.

Quadro 6 – Como as famílias determinam o valor de uma rede de dormir

Fala dos entrevistados
<p>O preço da rede se coloca assim, devido a matéria prima que compra, quando a gente compra a matéria prima, aí tem o trabalho que a gente faz o trabalho, aí a gente calcula o preço que vai vender a rede, faz o cálculo e ver como é que vai ser o preço, aí a gente ver o preço da rede, que vende a rede. Cada acabamento da rede tem um preço, tem o preço da rede pra tecer por quanto tece o pano da rede, aí tem por quanto emenda à rede e faz a trança, aí tem o preço da manucaba, aí tem o preço do matame da rede, aí tem o preço da varanda da rede, o preço que faz pra botar o punho da rede, aí quando a gente termina a rede, que faz o orçamento todim quanto gastou, aí sabe o preço que vai vender a rede (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>A gente faz conta, do que gasta pra fazer a rede, o peso da rede, e...e então, a procura também, se tiver, se a procura tiver alta aí, pode subir um pouco o valor, e se a procura tiver baixa aí, a pessoa tem que ou procurar cair um pouquinho no preço, ou...ou então, segurar, esperar uma fase melhor pra vender (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p>

O valor de uma rede se define é sobre o peso dela, por exemplo uma rede de dois quilos ela vai ter mais ou menos 40% do valor dela é a matéria prima, que é o fio que é utilizado pra fazer ela, é 40% mais ou menos 35 a 40% é o valor que vai ser gasto pra rede ser feita, e entre 20 e 25% é o lucro do patrão, do dono da rede, no caso eu que produzo a rede, entendeu? Fica caracterizado assim mais ou menos o valor de uma rede (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

Se impõe pelo valor do preço da matéria prima, a gente faz a base do preço da matéria prima, aí vai dando o valor da mercadoria também, pelo valor da matéria prima também. Se o fio custa um valor, aí a gente faz a base pelo peso da rede, da mercadoria, aí faz a base do preço, pelo valor do custo da matéria prima. Aí vai e bota, coloca o trabalho da gente, um bocado de trabalho que a gente faz, tudo é custo que vai ficando também vai, tudo botando no valor da mercadoria. Após, por isso que o preço da rede a gente avalia pelo valor de cada serviço que vai se pagando, aí vai fazendo o valor do custo até chegar o preço do valor da rede, juntando com o preço do fio, da matéria prima. Cada serviço tem seu preço da rede (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).

Porque o fio mesmo parece que tem ouro nele, é caro demais, já a mercadoria não tem valor. Se a pessoa for...eu vou aumentar um centavo a mais na rede, o cara não quer mais comprar, diz assim: “a, só dá pra comprar por tanto”, aí a pessoa vai vender a mercadoria barata e comprar o fio caro, como é que pode? De primeiro, a mercadoria...a mercadoria ia acompanhando o preço do fio, mas hoje em dia não vai, cada vez mais vai pra baixo, e o fio só lá em cima (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Reflexão e análise da pesquisadora

Ao analisarmos as narrativas dos entrevistados observamos que os principais elementos que introduzem e compõem o valor de uma rede é principalmente o valor do fio e a quantidade utilizada para fazer cada rede, o valor de cada uma das etapas de trabalho na produção e confecção dos acabamentos das redes de dormir. Assim, cada uma das etapas de trabalho realizadas tem um valor determinado pelas famílias. O principal delimitador do valor de uma rede de dormir sempre vai ser o fio, porque é a partir do seu preço que as famílias determinam o preço das etapas de produção e delimitam o valor final do produto. A partir das falas notamos que atualmente o preço do fio chega a ser muito alto, e fica cada vez mais difícil pra famílias determinar o valor da rede em comparação ao fio, muitas vezes os atravessadores não querem aceitar o valor estipulado pelos artesões, e estes as vezes acabam vendendo suas mercadorias com preço abaixo do que de fato deveria ser em relação ao valor do fio.

Fonte: Elaboração própria, 2023/2024.

Outro questionamento que surgiu no percorrer da pesquisa foi saber se existe uma relação de troca entre as famílias que trabalham na atividade econômica da produção artesanal de redes de dormir. A partir disso, surgiu a necessidade de construir mais um mapa temático mostrando essa relação através das falas dos entrevistados.

Quadro 7 – Relação de troca entre as famílias

Fala dos entrevistados
<p>Só assim no caso do trabalho é que precisa de mais gente pra enrolar uma peça [parte do processo em que o fio é colocado em uma das partes do tear, antes de iniciar o processo de tecelagem], aí chama, e também troca as vezes do material né? que as vezes nós não tem e pega emprestado com quem tem (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>As vez acontece, assim, que nem você mesmo ver, as vez a pessoa, assim, vende uma coisa que não tem, pega com outra pessoa, acontece isso (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>Sempre ninguém trabalha nesse serviço só, trabalha com a ajuda de outro que é um serviço que...pra enrolar não enrola sozinho, tem que ocupar umas três pessoas pra poder (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>A gente se ajuda, troca de favores. Precisa assim as vezes de transporte do vizinho né? pra transportar nossa mercadoria pra fora, precisamos sempre, nós precisamos muito da colaboração do...precisa dos outros pra poder ajudar (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>Sempre existe, porque não tem como trabalhar só não, é um processo que um depende do outro, sempre existe uma cooperação de uma família com a outra (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).</p> <p>Se ajuda sim, porque tem serviço que tem que uns ajudar os outros, como enrolar a peça de rede que precisa de mais gente, uma pessoa só, ou duas ou três não consegue enrolar uma peça de rede, aí tem que ocupar mais gente da vizinhança ou das famílias (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).</p> <p>Eu acho que ajuda, de troca mesmo assim troca às vezes rede por fio né? Troca também, às vezes troca (Entrevista concedida à pesquisadora por Jerônimo Vieira de Sousa no dia 01 de março de 2024).</p>
Reflexão e análise da pesquisadora
<p>As analisarmos a fala dos entrevistados observamos que a prática artesanal na produção das redes de dormir envolve todas as famílias da comunidade que estão inseridas nesta atividade econômica. Existe sempre uma relação de troca e ajuda entre as famílias, seja em troca por material ou ajudando em algumas das etapas da produção artesanal. É muito comum as pessoas se ajudarem no momento de enrolar a peça e passar para o tear, pois para que essa parte do trabalho seja realizada são necessários pelo menos umas cinco pessoas. Como também, percebemos a relação de ajuda entre as famílias que não dispõe de transporte para transportar suas mercadorias para outros lugares, porque atualmente é comum que compradores de outras localidades entre em contato via WhatsApp para que as famílias enviem essas mercadorias por meio de outras que já possuem transporte. Assim, desde sempre existiu essa integração entre as famílias resultando essa relação de troca e isso é um aspecto positivo quando pensamos que esta atividade envolve toda uma tradição familiar e é algo que integra a comunidade possibilitando seu desenvolvimento.</p>

Fonte: Diário de campo, 2023/2024.

3.3.1 Descrição a partir de imagens das etapas de produção e confecção artesanal das redes de dormir

Fotografia 3 – Fio colorido e o processo de urdimento da peça



Fonte: Arquivo próprio, abril de 2024.

Nessa etapa da produção acontece a separação do fio, que depois será urdido e formará a peça que será integrada ao tear.

Fotografia 4 – Enrolando a peça



Fonte: Arquivo próprio, outubro de 2023 e fevereiro de 2024.

Neste processo a peça é enrolada e depois será introduzida ao tear, esta etapa do processo de produção envolve a participação de pelo menos cinco pessoas para sua realização.

Fotografia 5 – Emendando a peça no tear



Fonte: Arquivo próprio, outubro de 2023.

Na fotografia acima podemos perceber o processo de emendar a peça no tear, o trabalhador emenda fio por fio integrando a nova peça com o restante da anterior, para depois iniciar o processo da tecelagem. Nessa imagem a peça está sendo emendada em um tear elétrico.

Fotografia 6 – Processo de Tecelagem



Fonte: Arquivo próprio, abril de 2024.

Nesta etapa da produção primeiro acontece a prática de encher espula na máquina manual, depois a espula será integrada a lançadeira para que aconteça o processo da tecelagem. Depois da tecelagem o pano da rede é recortado e separado uns dos outros. Na imagem é possível perceber o processo da tecelagem em tear manual, e no final o pano de rede sendo recortado do tear elétrico.

Fotografia 7 – Processo de acabamento (emendar e torcer)



Fonte: Arquivo próprio, outubro de 2023.

A técnica de emendar e torcer é feita exclusivamente com o uso das mãos, depois de realizar esse processo será feito o matame.

Fotografia 8 – Processo de acabamento (matame)



Fonte: Arquivo próprio, outubro de 2023.

Esta etapa da produção é realizada com o fio e com o auxílio de uma agulha vai formando um tipo de costura na rede, para que depois seja feito a mamucaba.

Fotografia 9 – Processo de acabamento (mamucaba)



Fonte: Arquivo próprio, abril de 2024.

Esta etapa do trabalho acontece por meio de um liço suspenso, é um processo parecido com o da tecelagem em que o trabalhador precisa utilizar os pés e as mãos para realizá-lo.

Fotografia 10 – Processo de acabamento (Varanda)



Fonte: Arquivo próprio, abril de 2024.

Para realização da varanda é necessário dependendo do tipo de fio, primeiro ele precisa ser colocado de molho na água para amolecer, e depois é estendido em um tipo de varal até secar. Logo após, o fio é separado e colocado no pano da rede, e depois é realizado a varanda, no qual o trabalhador vai fazendo nó até formar a varanda.

Fotografia 11 – Processo de acabamento (empunhação e caré)



Fonte: Arquivo próprio, abril de 2024.

Estas são as etapas finais de acabamento no processo de confecção das redes de dormir, primeiro o fio é enrolado na máquina para que fique mais grosso e resistente, pois é esta parte que dá sustento a rede quando ela é colocada no armador. A parte final desse acabamento é toda realizada com as mãos.

Fotografia 12 – Rede de dormir



Fonte: Arquivo próprio, maio de 2024.

Depois de passar por todas as etapas de produção, confeccionada pelos membros da família ou também pela participação de terceiros, podemos perceber a rede finalizada e pronta para ser comercializada.

3.4 RELAÇÃO ENTRE OS PRODUTORES ARTESANAIS DAS REDES DE DORMIR E OS AGENTES EXTERNOS

Um dos objetivos deste trabalho é mapear a relação entre os produtores artesanais das redes de dormir e os agentes externos, uma vez que estes agentes possuem influência na comunidade e na atividade artesanal das redes de dormir. Neste mapa temático mostraremos como acontece essa relação a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 8 – Relação entre os produtores artesanais das redes de dormir e os agentes externos

Fala dos entrevistados	
Agentes externos e a compra do material (fio)	Agentes externos na compra dos produtos comercializados
<p>O material a gente já compra aos atravessadores, gente que já compra nas fábricas e já revende pra gente, são pessoas de fora, tem gente da comunidade, mas sempre a gente compra a mercadoria a gente mais de fora (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>É por terceiros, é, a gente compra porque nós trabalha meio clandestino né? Sem nota fiscal (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>O certo mesmo, o certo mesmo era pra nós...nós ter o direito de comprar o fio na fábrica mesmo, nós quando tivesse assim condição de comprar o fio na fábrica, a gente compraria com mais...um preço mais melhor pra nós, nera? aí a gente compra...tem agiotas aí já chega num preço muito caro pra nós (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p>	<p>Porque a gente não tem como sair pra vender as redes, aí a gente tem que esperar os atravessadores passar pra comprar, pra eles já levarem pra feira pra vender, nas feiras (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>É, a gente manda pra uma feira, é já com...é... por pessoas que vão pra feira, e vende em casa, e pra lojas. Eu acho assim, que pelo atravessador a gente ganha menos, e se a gente tivesse como vender pra fora e pra loja, a gente ganharia mais, porque nós já faz um preço baixo na mercadoria (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>É, isso aí atrapalha nosso...nosso crescimento, porque assim a gente fica sem poder vender nossa produção na feira livre, né? A gente não consegue vender no nosso preço mesmo a rede não, porque pra nós que fabricamos o artesanato, era pra nós vender nas feiras livres, nera? Sem...sem terceiros (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p>

	<p>Os produtos são comercializados em feira livre, através de feira livre. Essa produção minha mesmo, eu sempre levo ela pra vender na região do Pernambuco, em Caruaru, principalmente em Caruaru (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).</p> <p>A gente vende em casa mesmo, aos atravessador, porque pra ir pras feira, pras feira vender já fica mais...o custo já fica mais caro, aí não tem condição de ir...da gente mesmo fabricar as rede e levar pras feira pra ir vender não, aí acha melhor vender aos atravessador em casa mesmo. É porque também já é meio de vida deles também, já é comprar a mercadoria pronta, que ele não vai ter o trabalho de trabalhar pra fazer, e vai negociar pra ganhar o dinheiro também já dele a...a feira dele também já...vendendo a mercadoria também dos fabricantes (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).</p>
--	---

Reflexão e análise da pesquisadora

Ao analisar essas narrativas podemos perceber algo recorrente na forma de adquirir a matéria prima(fio) para a produção das redes de dormir e na comercialização das redes de dormir produzidas na comunidade são os atravessadores. Estes agentes externos costumam estar presentes na própria comunidade, pois compram das famílias que não dispõem de condições para comercialização dos produtos e vão até outros estados vender para terceiros. Existe também a presença dos atravessadores que vêm de outros estados à procura das redes na comunidade para comprá-las e revendê-las a outros compradores que respectivamente possuem lojas e pontos de vendas para comercialização. Muitas destas famílias sentem dificuldade na compra do material para produção das redes porque não possuem nota fiscal para realizar a compra diretamente nas fábricas de fio.

Para Scrase apud Keller (2003; 2014, p. 327) “[...]o mercado de artesanato é controlado firmemente por poucos agentes, é altamente explorador e os ganhos são insignificantes para os artesãos individuais.” Neste sentido, podemos perceber esta lógica da exploração e do pouco ganho quando pensamos a presença de agentes externos na comunidade atuando na atividade artesanal da produção de redes de dormir.

Todas as famílias entrevistadas não possuem vínculo com associação e trabalham de forma autônoma. Em muitos casos a presença dos atravessadores é vista até como algo positivo, já que a maioria das famílias não dispõem de recursos para vender suas mercadorias em outros lugares, como por exemplo, nas feiras livres. O principal destino das redes de dormir confeccionadas na comunidade é a feira de Caruaru-PE, já que a maioria dos atravessadores possuem pontos de comercialização nesta feira livre. Diante disso, observa-se que a falta de uma associação articulada com as famílias de artesãos das redes de dormir pode gerar dificuldade para que as famílias possam comprar a matéria prima e comercializar seus produtos.

Fonte: Elaboração própria, 2023/2024.

3.5 MUDANÇAS TÉCNICAS EM TORNO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DOS TEARES

Entender quais mudanças técnicas aconteceram em relação à produção artesanal das redes de dormir a partir da chegada da inovação tecnológica dos teares, também é um dos objetivos que pretendemos investigar neste trabalho. É necessário analisar como as famílias percebem essas mudanças das técnicas e instrumentos para prática da produção artesanal das redes de dormir e quais impactos isso pode causar no processo de produção artesanal. Neste mapa temático iremos mostrar a partir da fala dos entrevistados quais são as mudanças técnicas em torno da inovação tecnológica dos teares.

Quadro 9 - Primeiras técnicas artesanais e mudanças técnicas em torno da inovação tecnológica dos teares

Fala dos entrevistados	
Primeiras técnicas artesanais	Inovação tecnológica dos teares
<p>Porque essa atividade foi da minha bisavó que começou fazendo rede, fazia rede de pano, tecia o pano, aí fazia a rede de pano, que nem chamava. Era muito difícil, nessa época, ela pegava o algodão, aí mesmo fazia o fio, ela tinha a maquinazinha, aí ia e desmanchava o algodão e fazia a lãzinha, e ela mesmo fazia o fio, artesanal mesmo, ela mesmo fazia. Aí ela urdia a rede de três, urdia o pano e fazia a rede de três pano, aí costurava a rede, pra poder dar a largura da rede, aí chamava a rede de três pano. A matéria prima dessa região aqui, se plantava muito algodão, o meu avô ele era um grande plantador de algodão, plantava muito algodão (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>É hoje, hoje é melhor porque hoje a gente já compra de cor a matéria, já...já vem nessas cores que a gente trabalha, e...a gente não usa mais a tinturas, que era muito difícil, dava muito trabalho. A gente as vez ia, ia...levava pra alvejar no rio, quando no tempo que tinha água no rio a gente levava pra lá, pra... porque era mais fácil de que carregar a água pra cá (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p>	<p>Tem, tem muita diferença, o elétrico ele dá mais produção, ele...a gente fabrica mais, mais rede nele, e questão de, de acabamento da rede, fica, fica bom o pano da rede, fica muito bom também (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>A gente ainda trabalha com o tear manual, desde de quando a gente começou a trabalhar em rede, a gente trabalha com ele, a gente nunca trocou por tear elétrico não. Sim, existe sim, que o tear elétrico ele tece muita rede durante o dia, ele tece 20, 22 até 25 redes ele pode tecer, e no tear manual não, no tear manual sempre é 5, de 8 a baixo depende, se trabalhar mais cedo pode ser umas 8, mas sempre é 5, 6 rede por dia, pano de rede que é tecido durante o dia (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>É, mais no passado a gente trabalhava manual, que era feito de...o tear de madeira, agora a gente trabalha... é em tear de...elétrico. A diferença é que a pessoa mesmo no manual ia trabalhar né? A produção era mais pouca, e elétrico a produção é mais, mas a rede é o mesmo trabalho de acabamento (Entrevista</p>

<p>É o seguinte, isso é um trabalho dos avós, da bisavó. Porque a minha vó ela tecia, eu acho que muita gente sabe...aí minha vó, Michely [pesquisadora], ela fiava, ela tinturava aqueles fio com casca de madeira, meu avô também fez disso, com casca de madeira, botava uns ferro e fazia as cores, nesse tempo não tinha tinta pra comprar não, eles mesmo que criava aquelas pintura, aquelas tinta, certo? E fazia aquelas rede, é aí vai passando, o tempo passando, e vai ficando pra neto, bisneto e foi onde eu aprendi, com meus pais, meu pai também. Aí... e a geração quase toda aqui no Taboado é assim desse jeito, que nem eu tô lhe dizendo (Entrevista concedida à pesquisadora por José Sales Aleixo no dia 13 de outubro de 2023).</p>	<p>concedida à pesquisadora por Rosiane Macêdo Brito no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>A gente continua no mesmo, que é o manual. Tem só...porque a gente usa mais hoje em dia o...como é que diz...compra o fio já pronto né? De Primeiro era preciso de tinturar, hoje em dia já tem o fio que a gente já compra já tingido (Entrevista concedida à pesquisadora por Jerônimo Vieira de Sousa no dia 01 de março de 2024).</p> <p>E a gente trabalha porque o manual tece com todo tipo de fio né? Aí com fio bom não consegue não, porque é caro, vai variando com o tipo do fio, de cor, de tudo, cada fio é um preço, o fio cru é de um preço, o fio alvejado é de outro, tingido é de outro, o cinza também é de outro (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p>
--	---

Reflexão e análise da pesquisadora

Ao analisar a narrativa dos envolvidos na pesquisa podemos observar que a diferença existente entre a produção artesanal e a produção fabril das redes de dormir, acontece porque a primeira dispõe de teares de madeira e necessita totalmente de pessoas que façam o processo da tecelagem, já a última dispõe de teares elétricos que por sua vez precisam apenas que as pessoas controlem o processo ligando e desligando, e também os teares elétricos costumam ser mais rápidos e produzir mais redes em menos tempo, diferente dos teares de madeira. Mas alguns dos acabamentos finais das redes são feitos a mão, tanto nas redes produzidas nos teares de madeira quanto nas redes dos teares elétricos. Estes estão inseridos na comunidade para agilizar o processo de produção, pois costumam ser mais rápidos e fabricam mais redes em menos tempo, em comparação aos teares manuais. Os teares elétricos chegaram na comunidade por volta do ano 2010, a partir dos produtores artesanais que já dispõem de uma certa condição financeira para investir em máquinas capazes de acelerar o processo de produção.

Segundo Nonato (2015, p. 41) “A lentidão das práticas artesanais não conseguem superar a agilidade dos processos industriais, que caracterizam o modo de produção capitalista.” Desse modo, partindo da análise dos modos de produção percebemos a diferença no mercado de venda entre os produtos artesanais e os industriais, a inovação da manufatura por meio das práticas industriais permite que seja produzido uma quantidade maior de produtos em um menor tempo, e no mercado de venda esses produtos acabam alcançando mais compradores de forma abrangente (Nonato, 2015). Podemos perceber dentro da Comunidade a adaptação no uso dos teares elétricos pelos próprios tecelões que antes já trabalhavam nos teares manuais.

Diante disso, percebemos que este é um fato comum na comunidade Taboado também, as famílias que trabalham com o artesanato das redes de dormir sentem essa falta de procura pelas redes totalmente advindas da prática artesanal, quanto aquelas que são produzidas pelos teares elétricos representam uma maior procura no mercado e um maior alcance de vendas.

Nas falas dos entrevistados é perceptível que uma das principais mudanças é em relação ao fio que é o principal material para a produção artesanal das redes de dormir. Ao analisar as mudanças percebemos que antigamente as primeiras famílias artesãs cultivavam o algodão e a partir dele fazia o fio para produzir e confeccionar as redes de dormir. Com o passar do tempo as famílias foram conseguindo comprar o fio advindo de fábrica, mas esse fio era “cru” como é descrito pelos entrevistados, este só possuía uma coloração branca amarelada e para que as famílias conseguissem outra coloração para trabalhar como esse fio, elas precisavam comprar tintas da cor desejada e tinturar esse fio. O processo de tinturação acontecia muitas vezes no rio que anos atrás foi a principal fonte de água para a comunidade, era preciso ter uma espécie de reservatório espaçoso para que o processo de tinturação do fio pudesse acontecer. Atualmente os artesãos já conseguem comprar o fio advindo da fábrica na coloração desejada.

As práticas e técnicas em relação aos acabamentos finais do processo artesanal de produção das redes de dormir só sofreu alterações no nível de aperfeiçoamento das varandas e matames.

De acordo com Nonato (2015, p.43) “[...] no processo artesanal os meios de produção pertencem ao produtor que também é responsável por uma parte considerável das vendas.” Este é um fator comum e que também se apresenta as famílias produtoras artesanais das redes de dormir na Comunidade Taboado de Cima, pertence a essas famílias os meios para a produção das redes de dormir desde os instrumentos, o material e as técnicas transmitidas por meio de uma tradição familiar.

Das cinco famílias entrevistadas que trabalham com a produção artesanal das redes de dormir apenas duas possuem teares elétricos, e cada uma delas possui dois teares elétricos. As outras três famílias trabalham com teares manuais e cada uma delas só possui um tear.

Fonte: Elaboração própria, 2023/2024.

Neste capítulo, analisamos a partir das narrativas dos entrevistados a história das famílias com a produção artesanal das redes de dormir, apresentamos como as famílias se organizam na divisão do trabalho do processo de produção artesanal das redes de dormir. Mapeamos como acontece a influência de agentes externos atuando na comunidade e na atividade artesanal das redes de dormir. E por fim, apresentamos as principais mudanças técnicas advindas da inovação tecnológica dos teares elétricos na produção artesanal das redes de dormir.

4 CAPÍTULO III – AS CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR PARA A COMUNIDADE

Sobre o estudo da atividade artesanal de produção de redes de dormir pelas famílias da comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB, é necessário entender as dimensões culturais que esta atividade representa para a comunidade e para as famílias inseridas. Desse modo, iremos abordar os níveis de possibilidades e desafios que está atividade artesanal apresenta em sua dimensão cultural.

4.1 QUANTO A RESPONSABILIDADE ESTATAL?

Inicialmente, é importante destacar se o setor público contribui de alguma forma para o desenvolvimento cultural da atividade artesanal de produção de redes de dormir realizada pelas famílias da comunidade Taboado de Cima. Diante disso, esse questionamento foi levantado durante o percorrer da pesquisa de campo, e sob as narrativas das famílias iremos identificar como isso acontece:

A mim mesmo não, ajudou não. É nessa questão, não tem ajuda não (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).

Ajuda, mas no fio não. Falta...falta muito...falta a ajuda dos governantes né? Pra incentivar, pra não deixar o artesanato ir a baixo, se acabar, precisaria muito dos governantes ajudar, dar apoio, dar suporte, investimento (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Até hoje não, o setor público não ajuda a gente não. É tudo individual mesmo, fora do setor público (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

Ao analisar as narrativas das famílias entrevistadas a partir do questionamento levantado, percebemos mediante as três falas destacas que todas responderam “não” e especificaram que o papel estatal contribui com a comunidade em outros aspectos como: infraestrutura, educação, saúde e lazer. Mas ficou claro que não existe um investimento do setor público direcionado especificamente para o desenvolvimento cultural da comunidade, que é especialmente representado pelas famílias que atuam na atividade artesanal de produção das redes de dormir. Diante disso, refletir quanto a responsabilidade estatal, também implica dizer

que isso impacta no desenvolvimento e reconhecimento social e cultural da importância dessa atividade artesanal para as famílias da comunidade.

4.2 PAPEL E ENFRAQUECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO E COOPERATIVA

Neste tópico sentimos a necessidade de abordar a questão do papel e enfraquecimento da associação e cooperativa em forma de mapa temático. Analisando as narrativas das famílias entrevistadas sobre esta temática.

Quadro 10 – Papel e enfraquecimento da associação e cooperativa

Fala dos entrevistados
<p>Existe uma associação, e já existiu outra associação. [...] Na época que teve a associação uma parte foi muito boa, ajudou bastante a comunidade, porque veio um projeto assim que foi muito bom, que veio as pessoas que trabalhavam na rede, aí não tinha assim um galpãozinho [espaço adequado para o trabalho na atividade artesanal das redes de dormir] adequado pra botar os tear, pra botar a máquina de encher a espula, pra fazer as redes, muita gente precisava de um espaço melhorzinho pra fazer as redes, aí veio uns galpãozinho pras família, teve umas família que receberam os galpãozinho e ainda hoje tem os galpãozinho pra o povo trabalhar. Aí véi também outro projeto que foi o projeto do fio [material necessário para realizar o artesanato das redes de dormir], que eles pegaram o fio e repassaram pras famílias, aí as família trabalharam uma época que fazia a rede aí deixava lá eles vendia, depois comprava o fio a família ia recebia o fio de novo pra fazer outras rede, véi também pra comunidade o projeto também muito bom que ajudou bastante, que essa comunidade. era uma comunidade bem carente, isso foi nos anos 90, não foi nos anos 90 não, acho que foi nos anos 80 pro começo dos anos 90, era uma comunidade bem carente, aí as famílias que tinha criança pequena, aí recebia o leite, vinha o leite do governo do estado, aí as mães que tinha as crianças pequena recebia aquele leite, aí já ajudava na alimentação das crianças, foi bem...um tempo muito bom que ajudou bastante a comunidade (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).</p> <p>Já existiu associação. Eu lembro que já até... veio mercadoria, matéria prima pra associação, aí eles pegaram e distribuíram para os sócios, aí só que foi por pouco tempo, aí depois eu não sei, não sei o que que houve, também não participava, não era sócio da associação na época. Mas, mas não sei o que que houve que de repente foi afracando, afracando e não conseguiram mais matéria prima pra os sócios, e...aí pronto, aí acabou-se não sei o que que houve, não sei o que que houve, só soube que a associação de repente apareceu um déficit, não sei de que foi [...] nós trabalhamos individual, aí nós sofremos mais, né? de que quando a gente trabalhamos em grupo era bem melhor, né? Mas infelizmente a associação não tem mais credibilidade, nem a cooperativa também que existiu não teve credibilidade (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).</p> <p>Já existiu, e existe, agora é porque é um negócio meio desorganizado, essa da gente mesmo aqui acabou-se, essa associação que a gente fazia parte acabou. Aí tem essa outra associação que é dos meninos ali em Lúcia [responsável pela nova associação], mas a gente, pelo menos</p>

eu não faço parte dela no momento, mais que ajudar, ajuda né? Associação sempre é bom (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

Porque é assim, a gente tinha mais de cem sócios, mais de cem sócios. Aí a gente conseguiu com o Estado, conseguiu... a gente conseguiu um projetozinho que deu pra comprar um salão, deu pra fazer uns salõeszinhos que o pessoal fazia...botava seu tearzinho, assim um recanto, de canto... não tinha um salãozinho suficiente pra tecer. Aí a gente conseguiu ainda fizemo... dez, dez salãozinho, não era pra fazer dez, era pra fazer mais pouco. Mas como a gente viu a necessidade do povo que era muito carente, aí a gente resolveu fazer, fazer assim, aumentar mais, a gente fez o orçamento, aí deu pra gente comprar...fazer dez, dez galpãozinho, dez galpãozinho. [...] Bem, aí saiu no SENAI uns cursozinho, aí muita gente aprendeu a fazer aquelas varanda macramê. [...]Mas, eu mesmo fiz muito daquelas varanda, é uma varanda muito bonita, bem trabalhada mesmo, bem manual, bem manual, tudo dela bem manual (Entrevista concedida à pesquisadora por José Sales Aleixo no dia 13 de outubro de 2023).

Funcionava quando começou a fundarem a associação, acho que até o prefeito vinha naquele tempo, não sei se o prefeito vinha naquele tempo, eu sei que vinha deputado, ainda teve deputado que ainda vinha pras reunião, esses povo que são assim secretário de cultura dessas coisa acho que vieram ainda, foi muito divulgado, muito divulgado mesmo esses...essa cultura do artesão aqui da comunidade do Taboado, foi muito divulgada. [...] até o SEBRAE já se impõe nesse...nessa produção de fabricação de rede aqui em Boqueirão na cooperativa, na cooperativa, acho que no...nessa associação também já se impõe e não teve crescimento, que é um órgão que ele ajuda muito, em muitas coisa, e pra... pra ter crescimento e aqui num teve crescimento nenhum não. Contribuíram, eles deram curso ainda pra quem...pra os mais novo que não sabia operar serviço que só os mais velho sabia fazer, eles ainda trouxeram aqui pra associação uns curso ainda de liçamento de liço [parte do tear feita manualmente para separar o fio no momento da tecelagem] que tem uns tipo de tecido que só os pessoal os tecelão mais antigo sabia fazer, e os mais novo não sabia, ainda teve esses cursos. (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).

Reflexão e análise da pesquisadora

Ao analisar a narrativa dos entrevistados podemos entender como funcionava a associação dos artesãos da comunidade Taboado de Cima e a cooperativa de Boqueirão-PB, e o porquê dessas duas instituições perderem sua influência na comunidade. Segundo Keller (2014, p.340) “Em relação à gestão da produção e da comercialização, as associações e cooperativas de artesãs enfrentam dificuldades e desafios.” Nesse sentido, podemos observar que na comunidade Taboado de Cima a associação dos artesãos de redes de dormir teve seu papel enfraquecido.

Contudo, ao observarmos as falas dos entrevistados percebemos o papel da associação dos artesãos na Comunidade Taboado de Cima e a cooperativa de Boqueirão-PB, auxiliando e dando subsídios para as famílias que trabalham na produção artesanal das redes de dormir, como por exemplo, atividades de aperfeiçoamento da produção, projetos para construção de galpões, ajuda com material para produção (fio, cloro e tintas) tudo isso aconteceu no período em que as famílias ainda precisavam realizar o processo de tinturação do fio. Outro aspecto lembrado que chama atenção foi a atuação e parceira do SEBRAE e SENAI com a associação desenvolvendo cursos para as famílias artesãs aperfeiçoarem as técnicas de trabalho artesanal das redes de dormir. Também podemos perceber que alguns políticos já participaram em ações para o desenvolvimento no período de formação da antiga

associação dos artesãos. Mas atualmente as famílias entrevistadas não participam de nenhuma associação, e todas trabalham de forma individual.

Ainda segundo Keller (2014) o papel ativo de uma associação ou cooperativa inibe a presença de atravessadores, que costumam ser presentes nas localidades que produzem algum tipo de atividade artesanal (Como já foi mencionado no capítulo 2 desse trabalho). Os atravessadores costumam estar presentes na comunidade atuando na venda do material para produção e comprando o produto dos artesãos de forma barateada. Ainda de acordo com as narrativas dos envolvidos na pesquisa percebemos que existe atualmente uma associação atuante na comunidade, mas as famílias entrevistadas não fazem parte e também não sabem como funciona. No decorrer da pesquisa de campo não foi possível entrevistar nenhum dos associados desta associação, e assim, não podemos tecer comentários sobre a mesma.

Fonte: Elaboração pessoal, 2023/2024.

4.3 PERSPECTIVA DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS SOBRE A ATUAÇÃO DOS JOVENS NA ATIVIDADE ARTESANAL DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR

Neste tópico discutiremos a partir das falas e olhar dos entrevistados sobre a atuação e perspectiva de futuro dos jovens inseridos ou aqueles que desejam trabalhar na atividade artesanal da produção de redes de dormir. O questionamento levantado situa-se em entender na percepção das famílias entrevistadas que já atuam há bastante tempo na atividade artesanal de produção de redes de dormir, se esta atividade contribui para que os jovens inseridos nela possam ter autonomia financeira:

Não, porque é um serviço que a gente trabalha muito e ganha pouco, e hoje em dia os jovens tem que estudar pra eles ter uma autonomia financeira melhor pra eles, que eles ganhe melhor, pra eles se manter na sua média de vida pra melhorar, não pra ficar sempre uma continha só, ganhando pouquinho sem ter um salário fixo, porque a gente trabalha não é um salário fixo que a gente tem (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).

Eu acho um pouco difícil, fica um pouco difícil, porque cada vez mais tá ficando exposto mais grande e a renda mais pouca pra nós. É por isso que os jovens tem que estudar, muitos deles vão ter que sair pra fora do estado e procurar melhoria fora, porque aqui não dá pra sobreviver com artesanato mais não (Entrevista concedida à pesquisadora por Fernando Vieira de Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Muitos não dão valor né? poucos que ficaram nesse artesanato, pra continuar a tradição. Porque muitos assim a gente tá vendo que essa geração nova, pronto não vai mais se interessando mais nisso né? Já vai se interessando noutra coisa, não querem mais, aí aquilo vai se acabando. [...] aí pronto, qual é o jovem e qual é a jovem que vai querer fazer varanda de uma rede pra ganhar dois e cinquenta, eles análise pra ver tudim, se ajunte tudim em casa pra fazer, se fizer...nem vinte rede não faz por semana [...] (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Eu penso assim, se o cara trabalha com esse ramo dá pra ele arrumar um troco, né? Um trocado bom, porque tá aí tanto a rede quanto esse tapete que tem na região, quem trabalha com ele dá pra arrumar...não é um salário, não é uma coisa fixa, mais dá pra

arrumar um trocado bom. E é pelo menos tem a vantagem que é...melhor do que você tá trabalhando no campo, porque serviço de campo [trabalho na agricultura] você tem um dia ou dois por semana, e tem semana que não tem, e essa [artesanato das redes de dormir] sempre é contínua toda semana você tem a semana fechada, totalmente diferente de serviço de campo né? (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

Eu acho que...que não, porque é um...é uma cultura que cada ano que tá se passando tá se acabando, tá diminuindo, muita gente jovem hoje em dia já quer outros tipos de emprego não quer mais se envolver com esse negócio de serviço de artesanato mais. Porque é uma profissão que tá se acabando, cada dia...cada ano que se passa vai ficando mais fraco o...as venda, muitos jovens querem arrumar outros tipos de emprego não querem mais se envolver com isso mais não (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).

De acordo com Leal (2018, p.28) “Com a crise do artesanato e o fácil acesso a outros meios de sobrevivência, os jovens da comunidade enfrentam diversos dilemas, principalmente em relação a manter a cultura local e continuar o legado da família ou quebrar esse ciclo, migrando para outros negócios [...]”. Pensando sobre essa perspectiva dos jovens de Caruaru-PE, podemos entender como essa situação também se configura na comunidade Taboado de Cima, ao analisarmos a relação da atividade artesanal das redes de dormir com os jovens a partir da perspectiva dos sujeitos entrevistados.

Sob a perspectiva das famílias entrevistadas, observamos como isso acontece de fato, as famílias acreditam que não existe um interesse da parte dos jovens para seguir na tradição, e trabalhar com o artesanato na maioria das vezes não é o suficiente para eles terem autonomia financeira, e assim, as famílias acham que é mais vantajoso pra eles procurar outro tipo de emprego e focar nos estudos. Alguns relataram sobre o ganho ser muito pouco, principalmente referente aos acabamentos da rede, porque é nessa fase da etapa de produção das redes de dormir que os jovens são inseridos, e o lucro pra quem trabalha terceirizado apenas nos acabamentos da rede costuma ser muito baixo.

Nesse sentido, também foi relatado sobre a relação entre trabalhar no campo e com o artesanato, porque este costuma ser um serviço feito nos arredores domésticos e não existe tanta exposição ao sol, diferente do trabalho no campo que acontece principalmente durante o dia, e a exposição ao sol costuma ser constante. Relacionado a essa comparação do trabalho artesanal e trabalho no campo, podemos pensar na oferta de força de trabalho que se expressa mais ampla e continua no trabalho artesanal, mesmo que o valor obtido nessa forma de trabalho seja menor. Ao analisarmos as falas dos entrevistados também percebemos a preocupação com a continuação da tradição familiar a partir do trabalho artesanal das redes de dormir, que já representa e caracteriza a identidade da comunidade e das famílias inseridas.

4.4 SIGNIFICADO DA ATIVIDADE ARTESANAL PARA AS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

Durante a pesquisa de campo, surgiu o questionamento sobre o significado que a produção artesanal das redes de dormir representa para as famílias entrevistadas. Diante disso, apresentaremos isso sob a perspectiva dos entrevistados:

Tem muita importância porque além do trabalho artesanato que a gente vivi fazendo ainda mantendo assim as raízes da família como se diz, aí é a fonte de renda que a gente tem durante o ano inteiro pra manter a renda familiar da casa, tudo que a gente trabalha na rede a gente...compra as coisa pra casa, faz a compra do mês, dos alimentos pra casa, paga a energia, se a gente precisar de uma roupa a gente compra, sandália também, tudo, depende muito da...da...do artesanato da rede (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).

É importante também porque as vez chega gente de fora [turistas ou visitantes] e acha bonito, interessante aqui né? chega vem filmar, acha bonito pra levar pra outros canto pra...pra ver, e isso aí tá se acabando né? todos que tá...nesse negócio de artesanato...as vez é muito importante pra quem não conhece, quando chega que ver, chega...fica bestinha com aqueles produto sendo feito a manual, chama atenção dos turistas né? Isso foi a geração pra trás dos meus bisavô, meus avô, do dele também [referindo-se ao esposo], que aqui sobrevivia disso, aí é uma raridade hoje em dia, no século que a gente tá né? ainda existe esse...esses artesanato assim (Entrevista concedida à pesquisadora por Rosilda Barbosa dos Santos Sousa no dia 10 de outubro de 2023).

Eu acho que pra comunidade ajuda também muito né? Porque esses jovens que não tem emprego e sempre tem um servicinho pra fazer, quem tem a coragem de fazer tem serviço, e é através da rede né? Do artesanato, eu acho que ajuda, não ganha muito, mais dá pra ir se virando (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria Diana Santos Sousa no dia 12 de outubro de 2023).

É importante porque é de que a maioria vive né? Aí eu acho que é importante porque a maioria da comunidade vive desse serviço de rede, a gente cresceu e viveu dentro dele aí eu acho que é importante viu? Pra mim é. A coisa que sempre foi mais complicado foi com a venda, tem tempo que vende, tem tempo que não vende (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria da Guia Macêdo Sousa no dia 29 de fevereiro de 2024).

Ao analisarmos as narrativas dos entrevistados percebemos que o significado que a produção artesanal das redes de dormir representa para as famílias, acontece principalmente pela importância que a atividade assume para o sustento das famílias entrevistadas. A atividade em muitos casos se apresenta como a principal fonte de renda ou em outros casos representa um completo da renda familiar (como visto no capítulo 2). As famílias também mencionam a importância da atividade artesanal como representação da memória ligada a uma tradição familiar, podemos até perceber a preocupação com a continuidade dessa tradição nos próximos anos.

Desse modo, também podemos observar nas narrativas dos entrevistados a importância do reconhecimento cultural que a atividade artesanal das redes de dormir assume para as pessoas que vem de fora visitar a comunidade, e sempre acham interessante o trabalho artesanal das redes de dormir, e geralmente costumam fotografar e filmar para mostrar para outras pessoas, ou até mesmo publicar nas redes sociais. Foi demonstrado também a partir das falas a importância da atividade artesanal para o engajamento e permanência de vida para os jovens, que embora não tenham outras oportunidades de emprego ainda podem encontrar no trabalho artesanal das redes de dormir uma alternativa de subsistência.

Nesse sentido, podemos observar que foi citada de forma breve outra atividade artesanal que também é muito presente na comunidade, que é a produção de tapetes, na realidade esta atividade tem algumas semelhanças e também diferenças em relação a produção de redes de dormir. Mas mesmo assim ela também se caracteriza pela lógica da organização familiar. No momento esta atividade acabou ficando de fora do foco da nossa pesquisa, pois nosso foco é tratar da relação das famílias com a atividade artesanal das redes de dormir, que se apresenta em torno de uma tradição familiar transmitida ao longo de gerações e que também é responsável pela construção da identidade da comunidade desde sua origem. Outro aspecto apontado foi com a dificuldade de venda das redes de dormir, pois em alguns períodos do ano a venda da uma melhorada, e tem outros que nem tanto. Contudo, a atividade artesanal da produção de redes de dormir se apresenta enquanto valor cultural, social e econômico para essas famílias da comunidade. Para as famílias que trabalham com o artesanato das redes de dormir, a atividade ainda tem significado importante porque ainda se apresenta principalmente como complemento de renda.

4.5 ATIVIDADES CULTURAIS JÁ REALIZADAS NA COMUNIDADE EM TORNO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Outro questionamento relevante que surgiu no decorrer da pesquisa de campo foi tentar compreender que tipo de atividades culturais já foram desenvolvidas na comunidade, em forma de trazer visibilidade para a produção artesanal das redes de dormir. A seguir observaremos como isso aconteceu através das próprias vivências das famílias entrevistadas:

Já teve, teve festa de...de...de... rede, já teve aqueles...aquele homem mais aquela mulher [turistas] que vieram do Rio de Janeiro, pra divulgar um bocadinho desses produtos que a gente faz, levaram já mostra, tiraram muita foto, filmagem pra divulgar esse trabalho que a gente faz pra...até pra o Rio de Janeiro. Pra muitos canto...de vários canto já teve, teve já vários canais de televisão que vieram fazer filmagem, já

teve festa na associação de rede, de artesanato [...] (Entrevista concedida à pesquisadora por Geronaldo Vieira de Sousa no dia 15 de outubro de 2023).

Atividade cultural aqui? eu acho que não, na região da gente atividade cultural tipo festa, padrão de desenvolvimento né? O que existe é essa associação que tem aí, que Lúcia [responsável pela nova associação] toma conta, que é o que divulga as redes nessa região da gente, tá sendo...tá divulgando agora né? Aí antigamente não existia não, não me lembro de nada de divulgar não (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

A gente o que tinha mais cultural aqui era porque fazia aquelas festa, a gente fez São João, fazia as festas de natal e final de ano, fazia as quadrilha, e...muitas coisas, só que depois foi diminuindo, as pessoas que era mais interessada nesses trabalho aí foram morar noutros local, aí foi diminuindo muito, que nem na época era Antônio, Evangelista [Organizadores das festividades] e outra tropa que fazia essas festa, era muito animada, tradicionais, muito bom, só que agora diminuiu mais né? (Entrevista concedida à pesquisadora por José Sales Aleixo no dia 13 de outubro de 2023).

Ao analisarmos essas três falas dos entrevistados podemos perceber diferentes percepções sobre as atividades culturais envolvendo o artesanato das redes de dormir direta ou indiretamente. Na primeira fala é lembrado com detalhes algumas atividades envolvendo o artesanato das redes de dormir, como por exemplo, festas organizadas pela antiga associação dos artesãos; os canais de tv local que já vieram até a comunidade para realizar entrevistas com os artesãos e divulgar através de reportagens, se fez importante destacar esta fala para observarmos como as famílias percebem a questão do reconhecimento cultural da prática artesanal das redes de dormir. O homem e a mulher que são citados na fala do entrevistado chamam-se Raísa Curty e Ale Gabeira, ambos foram convidados a participar do projeto:

“[...] *Remanso*, instigando-nos a pensar um trabalho para ocupar a marquise do Complexo Cultural Funarte Brasília, no Distrito Federal. *Alvorada Nordestina* consistia em vinte redes de dormir com nove metros de comprimento, instaladas nos vãos entre os pilotis que sustentam a marquise da Funarte (Curty, 2022, p. 91).

Foi então a partir deste projeto, que os dois companheiros decidiram viajar até o Cariri Oriental da Paraíba por meio de bicicletas afim de colocar em prática o intuito do projeto, que consistia na procura de pessoas que pudessem produzir as redes de dormir que futuramente seriam expostas na marquise da Funarte em Brasília. O destino escolhido pelos dois foi o município de Boqueirão-PB já conhecido por sua produção artesanal de redes de dormir, mas ao chegarem no município foram direcionados para a então comunidade Taboado de Cima, que também é bastante conhecida por seu número de artesãos produtores de redes de dormir. Ao chegarem na comunidade no ano de 2017, conheceram as famílias de artesãos e tecelões das redes de dormir que lhes concederam estadia em seus lares. Assim, decidiram encomendar as

vinte redes de dormir entre os artesãos da comunidade. Logo após, quando as redes já estavam prontas decidiram realizar um teste estreado as redes na própria localidade, e envolveram a participação de todas as famílias. Ao redor das casas e penduradas entre árvores e postes, expuseram as redes de dormir e também realizaram a exposição de fotografias e filmagens produzidas ao longo da estadia na comunidade (Curty, 2022). A realização deste projeto na comunidade foi algo bastante instigante para todas as famílias de artesãos e produtores das redes de dormir, e também lhes proporcionou reconhecimento social e cultural dentro e fora da comunidade.

Na segunda fala podemos observar que não há a recordação de atividades que já foram desenvolvidas, e sim uma preocupação com a divulgação midiática da atividade artesanal atualmente, também é mencionado mais uma vez a nova associação que existe na comunidade, e segundo a fala do entrevistado essa nova associação costuma atuar na divulgação da atividade artesanal das redes de dormir, mas essas famílias entrevistadas não fazem parte dessa associação (como já mencionado no tópico 3.2 deste Capítulo 3). Na terceira fala é abordado sobre a organização das festividades religiosas, nestas atividades que não estavam ligadas diretamente a atividade artesanal das redes de dormir, existia barraquinhas com os produtos artesanais produzidos pelos artesãos da própria comunidade. Atualmente existe a carência dessas atividades culturais que envolvam a comunidade e os artesãos que produzem as redes de dormir. Com o enfraquecimento da antiga associação dos artesãos muitas dessas atividades deixaram de acontecer.

4.6 SUGESTÕES DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS PARA MELHORIAS NA CONDIÇÃO DO TRABALHO COM A ATIVIDADE ARTESANAL DAS REDES DE DORMIR

Buscamos ao longo da pesquisa de campo investigar quais os anseios das famílias entrevistadas sobre as melhorias nas condições de trabalho na atividade artesanal de produção de redes de dormir. Diante disso, iremos apresentar as respostas a essa questão apresentando as narrativas dos sujeitos da pesquisa:

Sugeria assim, que uma vez por mês no mínimo, tivesse um evento, por exemplo, uma feira de rede na comunidade, cada pessoa fizesse a exposição das suas redes, que vinhesse outras pessoas, de outras comunidades, de outras cidades, vinhesse e comprasse as redes, seria muito bom, pessoas que vinhesse conhecer o trabalho da rede, aí já aproveitava pra visitar as famílias ver as redes, comprar as redes, seria muito bom, ajudava muito na comunidade (Entrevista concedida à pesquisadora por Maria de Sousa Brito no dia 08 de outubro de 2023).

Assim, pra melhorar a vida, da...do povo que trabalha, só se, assim, pra comprar a matéria prima direto das fabrica, da...de onde vem. Assim, tipo, o poder público favorecer, ajudar ao trabalhador, porque fica caro pra tirar nota, pra...pra...montar, porque tem que abrir uma empresa pra comprar, se eu for comprar eu não consigo comprar, só com meu CPF eu não consigo comprar (Entrevista concedida à pesquisadora por Braz de Sousa Brito no dia 10 de outubro de 2023).

Com certeza, com certeza, se tiver uma mídia ajudasse, se tivesse alguma mídia que ajudasse era totalmente diferente, porque hoje em dia tudo funciona através de mídia né? Se não tiver...não tendo o desenvolvimento ele não tem uma ajuda, aí fica difícil, a gente continua no anonimato toda vida, mas se tivesse eu acho que crescia muito a região (Entrevista concedida à pesquisadora por Ivan de Sousa Brito no dia 12 de outubro de 2023).

A partir das falas dos entrevistados percebemos algumas sugestões de melhorias nas condições de trabalho na atividade artesanal de redes de dormir. Essas sugestões estão relacionadas às dificuldades enfrentadas por essas famílias em sua relação com o trabalho artesanal. Entre elas podemos observar a necessidade da criação de uma feira de exposição das redes de dormir produzidas pelos artesãos da comunidade, e que essa atividade fosse desenvolvida com o intuito de trazer pessoas de fora para conhecer os produtos e compra-los diretamente aos artesãos e artesãs da comunidade, seria uma atividade desenvolvida para engajar todas as famílias, visando o benefício de todos.

A segunda sugestão está relacionada com a dificuldade que as famílias enfrentam para comprar o material (o fio) para produção artesanal das redes de dormir. A única forma de conseguir comprar o fio direto na fábrica é com auxílio de nota fiscal emitida para um CNPJ. As famílias entrevistadas não conseguem realizar a compra de material dessa forma, porque todas trabalham de forma individual e não pertencem a nenhuma associação, e isso dificulta bastante o progresso desses artesãos e artesãs das redes de dormir, porque eles precisam se submeter aos atravessadores para comprar e vender seus produtos (Como visto no capítulo 2). Diante disso, mais uma vez podemos perceber a falta do papel de uma associação que integre todas essas famílias artesãs de redes de dormir, porque o papel associativo é justamente facilitar esse tipo de situação, e ajudar as famílias a comprarem o material com mais facilidade e com o custo e benefício melhor. Outro aspecto que também poderia auxiliar a comunidade e as famílias nessa compra de material seria com a ajuda do poder público. As famílias atuam na atividade artesanal de forma autônoma e sentem dificuldades principalmente para compra do material (fio que é produzido pelo setor industrial) e divulgação e venda dos seus produtos. Nesse sentido, o setor público poderia investir em atividades que suprisse essas carências sentidas pelas famílias, e possibilitasse ajuda ao desenvolvimento da produção artesanal das redes de dormir para as famílias da comunidade.

A terceira sugestão está relacionada com a dificuldade que as famílias enfrentam para divulgar seus produtos para além da comunidade. A forma de suprir essa carência de acordo com a fala do entrevistado é com a divulgação do trabalho artesanal por meio do setor midiático ou mesmo nas redes sociais, isso seria algo capaz de auxiliar no reconhecimento da atividade artesanal das redes de dormir e pode até permitir que pessoas de outras localidades conheçam e sintam interesse de visitar a comunidade e venham conhecer os produtos dos artesãos e artesãs das redes de dormir. O principal intuito dessa divulgação por meio da mídia é chamar a atenção de compradores de redes de outras localidades, e que isso traga uma melhoria nas vendas das redes de dormir produzidas pelos artesãos e artesãs da comunidade.

Fotografia 13 – Vivências e espaços de socialização das famílias na comunidade



Fonte: Autora, maio de 2024.

Durante a pesquisa de campo foi possível registrar dois momentos de vivência e socialização das famílias na comunidade. O primeiro corresponde a quadra esportiva, na ocasião as mulheres estavam participando de um momento de prática de atividade física. O segundo é a capela da igreja católica, neste dia as pessoas estavam rezando a novena tradicional do mês de maio.

Neste terceiro capítulo observamos como as famílias percebem a ausência da participação do setor público com a atividade artesanal na produção de redes de dormir. Analisamos como funcionava a antiga associação dos artesãos e as consequências da ausência

dessa organização para ajudar as famílias artesãs. Vimos como as famílias percebem a atuação dos jovens na prática artesanal. Mostramos a importância da atividade artesanal das redes de dormir para as famílias entrevistadas. Observamos as atividades culturais que já foram realizadas dentro da comunidade e tiveram o intuito de trazer reconhecimento cultural para a atividade artesanal das redes de dormir. E por fim, analisamos como as sugestões que os entrevistados compartilharam sobre as iniciativas que podem contribuir para o desenvolvimento e reconhecimento da atividade artesanal na produção de redes de dormir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como problemática investigar qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica e cultural das famílias da Comunidade Taboado de Cima em Boqueirão-PB?. Nesse sentido, partimos da compreensão de que as famílias que trabalham na produção artesanal de redes de dormir compartilham de uma tradição no modo de fazer as práticas artesanais das redes de dormir, e isso também representa a integração entre as famílias dessa comunidade.

No que se refere aos resultados obtidos na pesquisa empírica, consta-se que o papel da produção artesanal de redes de dormir na organização social e cultural das famílias, apresenta-se por meio da tradição de um trabalho familiar ligado a transmissão de saberes que perpassa gerações, na organização econômica a atividade artesanal destaca-se por sua importância como complemento da renda das famílias na comunidade. Ainda sobre a organização cultural existe um anseio por parte das famílias na contribuição estatal por mais reconhecimento e desenvolvimento da atividade artesanal local por meio do incentivo a atividades culturais e melhorias na condição do trabalho.

Nesse sentido, destacam-se os seguintes achados no decorrer da pesquisa de campo: a) a divisão do trabalho artesanal na produção de redes de dormir acontece entre os membros da família e em alguns casos existe a participação de pessoas terceirizadas; b) a falta de uma associação de artesãos e artesãs ativa na comunidade, dificulta o processo de compra do material necessário para confecção das redes de dormir (o fio) e também dificulta o processo de comercialização dos produtos.

O papel da associação poderia facilitar a compra do material diretamente nas fábricas por meio de nota fiscal, com um custo e benefício melhor para as famílias, e promover a venda das redes de dormir em outros espaços, como por exemplo, em feiras de artesãos. Entretanto, as famílias se submetem aos agentes externos (atravessadores) para realizar a compra do fio, muitas vezes com o custo elevado e realizar a venda de seus produtos; c) todas as famílias entrevistadas atuam na atividade artesanal de forma individual, muitas vezes acontecem relações de troca entre as próprias famílias, no sentido de emprestar algum material ou até mesmo na mútua ajuda em alguma das etapas do processo de produção, como é o caso de enrolar a peça que será integrada ao tear.; d) algumas mudanças encontradas nas práticas e técnicas artesanais se apresentam na composição do fio, antigamente as famílias compravam o fio “cru” e precisavam realizar a técnica de tinturar o fio para deixá-lo colorido, atualmente as famílias já conseguem comprar o fio colorido e não precisam mais recorrer a esta antiga prática;

e) a modernização dos teares possibilitou o aumento da produção de redes de dormir, e consequentemente a divisão do trabalho que antes acontecia dentro do próprio grupo familiar passou a integrar outras pessoas de fora para trabalharem na etapa de produção dos acabamentos das redes de dormir.

Ademais, as famílias entrevistadas demonstraram que não existe ajuda do setor público voltada para a atividade artesanal de produção de redes de dormir e que permita gerar desenvolvimento econômico, social e cultural. Atualmente não existe nenhuma atividade cultural que contribua para o reconhecimento desta atividade econômica que é tão importante para as famílias da comunidade. As famílias deram sugestões acerca do desenvolvimento de atividades culturais, como por exemplo, uma feira artesanal dentro da própria comunidade, e também uma forma de gerar reconhecimento para a comunidade e para atividade artesanal de produção de redes de dormir a partir da divulgação no setor midiático.

A pesquisa me proporcionou bastante aprendizado e enriquecimento da minha atuação enquanto pesquisadora e cientista social, fortaleceu minha formação humana enquanto jovem e artesã. Me proporcionou reconhecer a partir da história dessas famílias a própria trajetória e protagonismo na atividade artesanal da minha família e de meus antecessores. E também pude reconhecer o tamanho da importância que a atividade artesanal apresenta para as famílias da comunidade.

Esta pesquisa contribui para o meio acadêmico na ampliação dos estudos desenvolvidos sobre a temática do trabalho, principalmente voltada para a atividade artesanal realizadas por grupos de pessoas que estão situadas nas localidades rurais. A partir dessa pesquisa penso em outros temas que podem ser explorados em futuras investigações, como: a questão de gênero na divisão sexual do trabalho artesanal das redes de dormir; parentesco; condições de trabalho e saúde dos artesãos.

A respeito das limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa gostaríamos de destacar a integração de mais textos do autor José Sergio Leite Lopes para a discussão do tema trabalho na Antropologia Social. Na realização das entrevistas gostaria de ter incluído no roteiro de questões a percepção dos próprios artesãos sobre a adaptação no uso dos teares elétricos.

Assim sendo, a produção artesanal de redes de dormir é muito importante para as famílias da comunidade, principalmente para garantia da renda familiar, seu papel na continuidade de uma tradição familiar e sua relevância para a cultura da comunidade. As famílias encontram dificuldades para garantia das suas condições de trabalho na compra de material e venda dos produtos e necessitam de mecanismos de apoio ao desenvolvimento local para a atividade artesanal de produção de redes de dormir.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Luis Lopes. **As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ARAÚJO, Maria José Barboza. **Manufatura de rêdes-de-dormir em Boqueirão - alternativa de vida ou de morte**. 1986. 53f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Bacharelado em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba - Campus II - Campina Grande - Paraíba - Brasil, 1986.
- BRITO, André Vinicius Andrade. **Lutas e mobilizações: diagnóstico histórico e social, do sindicalismo rural no município de Boqueirão - PB**. 2017. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos sociedade e agricultura**, v. 3, n. 2, p. 53-75, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de Dormir – uma pesquisa etnográfica**. Editora global. 1ª edição digital, São Paulo, 2012.
- CURTY, Raísa. Alvorada Nordestina. In: **EXTRAVAGÂNCIAS: a viagem como modo de produção na arte**. Brasília: Universidade de Brasília, p. 89-136, 2022.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Trad.: Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes (coleção tópicos), 1999.
- FERNANDES, Rhuann. Sociologia e Trabalho: Clássicas Concepções. **Revista Textos Graduados**, v. 7, n. 1, p. 122-141, 2021.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama-cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/boqueirao/pesquisa/18/16459> acesso em: 06 de nov. de 2022
- KELLER, Paulo Fernando. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. **Política & Trabalho: revista de ciências sociais**, v. 1, n. 41, 2014.
- LEAL, Bárbara Tayná. A tensão emergente e as novas gerações. In: _____. **A crise do negócio do artesanato no Alto do Moura e o impacto sobre os jovens da comunidade**. Trabalho de Conclusão de Curso. p. 28-31, 2018.
- LOPES, José Sérgio Leite. O trabalho visto pela antropologia social. **Revista Ciências do trabalho**, v. 1, n. 1, p. 65-84, 2013.
- MARX; Karl. **O Capital: Crítica da economia política: Livro I**. São Paulo: Boitempo, p. 326-352, 2013.
- MEDEIROS, Joyciana da Silva. **Do algodão ao tear: As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB**. 2015. 92f. Trabalho de conclusão de curso

(Graduação em História), Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2015

NONATO, Clarissa Borges. “**A rede nossa de cada dia**”: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Xique-Xique em Pedro II. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

OLIVEIRA, Darciley Gomes da. **Taboado de Baixo, os sujeitos e o lugar**: Geografia das percepções e dimensões do viver. 2019. 75f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Licenciatura em Geografia, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2019.

OLIVEIRA, Luan Gomes dos Santos de. **Atores sociais e política ambiental urbana do Município de Mossoró/RN pelo prisma das cartografias sociais analíticas**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente, Cultura e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

G1, Paraíba. Paraíba tem maior média de desigualdade econômica no país, aponta IBGE, **g1 PB**, Paraíba, 11 de maio de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/11/paraiba-tem-maior-media-de-desigualdade-economica-do-pais-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 04 de ago. de 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. n. 21, p. 23, 2008.

SANSON, César. **O conceito de trabalho em Max Weber**. In: Café com Sociologia. 2014. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/o-conceito-de-trabalho-em-max-weber/>>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

SILVA, Aucilene Rodrigues da. **O modo de vida camponês**: apontamentos a partir da Comunidade Caldeirão em Brejinho - PE. 2022. 68f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2022.

GLOSSÁRIO

Cordão - parte do processo onde os fios são entrelaçados para depois realizar a parte da empunhação e caré

Caneleiro - ferramenta de torcer o cordão que será utilizado para realizar a empunhação e caré

Espula - instrumento em que o fio é enrolado na máquina de encher a espula para o processo de tecelagem

Emendar e torcer - parte do processo onde é feito nós nas duas partes da rede recortadas depois do processo de tecelagem

Empunhação e Caré - parte do processo onde é feito o punho da rede

Franja - enfeite aplicado nas laterais da rede

Lançadeira - é nela que a espula será introduzida na realização do processo de tecelagem

Liço - parte do tear onde os fios são entrelaçados

Mamucaba - parte do processo onde acontece uma mini espécie de tecelagem das partes da rede que foi emendada e torcida

Tear - instrumento do processo de tecelagem

Urdideira - ferramenta de fazer a peça de fio que será introduzido ao tear

Varanda - enfeite realizado nas laterais da rede

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO:

UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR NA COMUNIDADE TABOADO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO-PB

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você

Eu, _____ (inserir _____ o _____ nome)

....., nascido(a) em ____ / ____ / _____, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE REDES DE DORMIR NA COMUNIDADE TABOADO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO-PB”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

I) Os objetivos da pesquisa é identificar como as famílias se organizam na produção artesanal de redes de dormir; mapear a relação entre os produtores artesanais das redes de dormir e os agentes externos; entender quais mudanças técnicas aconteceram em relação à produção artesanal das redes de dormir a partir da chegada da inovação tecnológica dos teares; refletir sobre a dimensão social e cultural na comunidade através da produção artesanal das redes de dormir.

II) Esta pesquisa busca compreender qual o lugar da produção artesanal das redes de dormir na organização social, econômica e cultural para as famílias da comunidade taboado de cima em Boqueirão-PB. A abordagem de pesquisa aplicada neste estudo é de caráter qualitativo, e também será necessário para a análise desta temática a metodologia de pesquisa etnográfica. Serão utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante, entrevistas e questionário para nortear as entrevistas.

III) A gravação das entrevistas só será realizada mediante consentimento do(a) participante, e tal gravação será usada apenas para facilitar o processo de análise dos dados, ficando resguardada em completo sigilo.

IV) Há a possibilidade de haver algum possível desconforto da parte do(a) participante em relação a alguma pergunta, porém, será respeitada a todo momento a vontade deste se não se sentir confortável em responder, mas no planejamento geral não há riscos previsíveis com a realização da pesquisa. Como benefícios esperados, cabe ressaltar o possível entendimento que será alcançado que permitirá entender a dinâmica do assentamento e como o mesmo é impactado pelo racismo ambiental, além de entender como isso afeta a vida dos assentados(as), contribuindo no processo crítico/reflexivo.

V) O(a) participante será acompanhado durante a pesquisa para obtenção das informações e mediante o consentimento, depois de pronta, os resultados da pesquisa serão encaminhados ao(a) participante.

VI) O(a) participante terá total liberdade de desistir de sua colaboração a qualquer momento da pesquisa. O(a) mesmo(a) não será obrigado(a) a dar explicações e não haverá qualquer tipo de penalização.

VII) Os resultados obtidos mediante informações prestadas pela(o) participante serão mantidos em sigilo, sendo divulgados apenas para fins científicos.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VIII) A(o) participante terá acesso a uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE

IX) O(a) participante não terá despesas financeiras no decorrer da pesquisa.

X) Não é previsto danos em relação ao percurso da pesquisa, mas é garantido indenização ao(a) participante caso aconteça.

Campina Grande - PB, _____ de _____ de 2023.

Responsável pela pesquisa: Michely Maria Vieira Sousa

Telefone para contato e endereço profissional do pesquisador responsável: (83) 991556272 / e-mail: michely.maria@estudante.ufcg.edu.br

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil Familiar

1. Quantas pessoas compõem o grupo familiar?
2. Qual a faixa etária dos membros da família?
3. Todos estão inseridos na atividade de produção de redes de dormir?
4. Até que série você estudou?

História da família com a produção de redes de dormir

5. Como esta atividade foi inserida na família?
6. Saberá dizer a quantas gerações esta atividade está inserida na família?
7. Como eram os primeiros meios e técnicas de produção artesanal das redes de dormir?
8. Como adquiriam a matéria-prima para produção artesanal?
9. Com quantos anos começou a trabalhar nesta atividade?

Sobre o processo de produção artesanal de redes de dormir

10. Como a produção de redes de dormir está incorporada ao sustento da família? É a principal fonte de renda? Ou dispõem de outro tipo de trabalho remunerado? Ou benefício social?
11. Como realizam compra de materiais para a produção artesanal de redes de dormir?
12. Como os produtos são comercializados?
13. Todos os processos de produção artesanal são desempenhados pela família? Ou existe a participação de terceiros?
14. Como percebem a influência de atravessadores?
15. Como acontece a divisão do trabalho no processo de produção artesanal das redes de dormir?
16. Qual atividade desempenha no processo artesanal das redes de dormir?
17. Trabalha com qual tipo de tear? Quais as diferenças entre o tear manual e o elétrico?
18. Existe alguma relação de troca entre as famílias?
19. Como se coloca o preço das redes?

Contribuições da produção artesanal de redes de dormir para a comunidade e para as famílias

20. O setor público ajuda a comunidade de alguma maneira?

21. Existe ou já existiu alguma atividade cultural que dê visibilidade para a comunidade e para a atividade artesanal de redes de dormir?
22. A atividade artesanal contribui para que os jovens inseridos possam ter autonomia financeira?
23. A família faz parte de alguma associação? Você foi membro da antiga associação dos artesãos? Poderia comentar como funcionava?
24. Qual a importância da produção artesanal de redes de dormir para sua família e para a comunidade?